

O desafio do presente

Exercícios Espirituais dos Universitários de Comunhão e Libertação
Rímimi, dezembro de 2008

Introdução – Julián Carrón

5 de dezembro, noite

O homem, estruturalmente, é espera. Se qualquer um de nós tomasse consciência de si neste instante, encontraria em seu íntimo, como a coisa que mais o define, a espera de uma realização, de uma plenitude de vida, de uma felicidade. Mas, muitas vezes, essa espera é soterrada por um monte de distrações, uma montanha de coisas inúteis que enchem nossa vida. Por isso, o primeiro gesto de amizade entre nós, hoje, expressa uma maneira de nos querermos bem, de sermos realmente companheiros: apoiarmo-nos, ajudarmo-nos uns aos outros a reconhecer aquilo que é mais que nós mesmos, essa espera, pois, quanto mais a pessoa está distraída ou essa espera está soterrada, mais precisa pedir, rogar que essa espera desperte nela. Portanto, nada é mais apropriado que começar pedindo ao Espírito que desperte outra vez em nós essa espera de felicidade, de realização, pois uma pessoa que não deseja a felicidade está num estado realmente grave, já está bem pertinho do túmulo; quanto menor for a urgência que sentimos dessa espera, mais devemos gritar.

Ó vinde, Espírito Criador

Cumprimento de coração a todos, a cada um de vocês, especialmente àqueles que vêm do exterior.

Qualquer que seja o lugar de onde venhamos, o que une a todos nós? O que define a todos nós? O que é que sentimos em nosso íntimo como mais definitivo que todas as mudanças, que todos os estados passageiros da vida, que todos os estados de espírito? Que a vida é uma coisa séria, não um jogo, não uma banalidade, como muitas vezes nos querem fazer crer. E isso nós o vemos, nós o percebemos em muitas ocasiões. Acabamos de cantar essa seriedade, que em muitas circunstâncias percebemos com uma evidência que se impõe. Como diz nossa amiga Sara, na contribuição escrita que nos enviou: “Há alguns dias, formaram-se dois de meus amigos mais antigos, com quem cursei toda a universidade, até hoje. Planejamos tudo nos mínimos detalhes para festejar aquela noite: fomos jantar num lugar incrível, comemos uma comida ótima,

bebemos um vinho extraordinário, conversamos sobre mil coisas [parece tudo perfeito]. Só que a toda hora eu me via mergulhada numa tristeza infinita, que procurava esconder bem lá no fundo, mas reaparecia insistentemente”. Essa é a seriedade da vida. Podemos fazer uma experiência muito bonita, mas aparece sempre em nós essa tristeza infinita, essa insatisfação última, essa falta, esse desejo de plenitude a que o mais belo jantar não pode responder, e que muitas vezes podemos tentar esconder.

Nós somos amigos se estamos juntos para poder olhar para essas coisas. Do contrário, estamos juntos nos distraíndo das coisas fundamentais; estamos juntos, mas enfrentamos sozinhos as coisas mais decisivas da vida.

No entanto, não estamos condenados a viver essas coisas sozinhos! É por isso que estamos juntos nestes dias: para poder olhar para a seriedade da vida, pois na vida, normalmente – como vimos na Escola de Comunidade –, “para todas as pessoas, é sério o problema do dinheiro, é sério o problema dos filhos, é sério o problema do homem e da mulher, é sério o problema da saúde, é sério o problema político. Para o mundo, tudo é sério, exceto a vida. [...] Porém, que é ‘a vida’ mais do que a saúde, o dinheiro, o relacionamento entre o homem e a mulher, os filhos, o trabalho? Que é a vida mais do que isto? O que implica? A vida implica tudo isto, porém com um objetivo, com um significado”¹. Assim, a urgência da vida, que não podemos evitar em nenhum momento, é a urgência desse significado. Podemos viver sem muitas coisas, mas não sem um significado.

E a primeira coisa para a qual devemos olhar, esse mal-estar e essa tristeza, é um bem, pois nos diz que precisamos de um significado, que não somos cães, que não somos pedras: que somos homens e temos a necessidade de descobrir o sentido da vida. O mal-estar, a tristeza, a falta são o sinal da grandeza de nossa vida. Pois nós queremos reduzir a vida a alguns dos aspectos que indicávamos antes (o trabalho, o dinheiro, a saúde), mas, muitas vezes, podemos encontrar um trabalho extraordinário, excepcionalmente satisfatório, importante, que todos reconheçam, ou podemos ter uma namorada, ou obter notas excelentes e ter um relacionamento bom com todo o mundo, mas isso não nos basta, como diz Sara. E por isso sentimos sempre pesar algo sobre nós, mesmo quando procuramos nos distrair.

O que é esse significado? Todos nós estamos aqui buscando uma clareza maior sobre esse significado. Quem está aqui pela primeira vez está aqui porque vislumbrou, ao encontrar um de vocês, ao ver como vocês vivem, alguma coisa que despertou nele uma curiosidade, e porque

¹ Giussani, L. *É possível viver assim?* Tradução de Neófita Oliveira e Francesco Tremolada. São Paulo, Companhia Ilimitada, 2008, pp. 123.

presentiu que, talvez, vindo até aqui, poderia encontrar alguma coisa decisiva para sua vida. Outros de nós, aqui, já estão juntos faz tempo, mas nós também sentimos essa urgência, não menos que aqueles que vêm pela primeira vez, pois somos todos iguais; somos todos iguais, todos temos esse desejo de plenitude que não podemos arrancar de nós mesmos.

E, como estudamos na Escola de Comunidade, o cristianismo, a obediência a uma Outra Coisa que seguimos, só é razoável num caso: “Deve ser consciente de que nela está a realização da vida”². Nós não podemos ficar aqui muito tempo se não percebemos que aqui está aquele significado em que consiste a verdadeira realização da vida. Estudamos que uma pessoa pode ficar aqui anos e anos sem ter essa consciência, e por isso viver mal, pois a pessoa não pode pertencer a Cristo sem a consciência de que pertencer é a realização da vida, e de que pertencer a realiza muito mais do que aconteceria se tivesse feito o que queria, sentia ou imaginava. Por isso, somos desafiados a fazer a verificação constante do que encontramos, pois não nos basta ficar aqui sem ter essa consciência.

“Eu lhe escrevo”, me diz Roberto, “num momento dramático da minha vida e da vida das pessoas que me cercam. Quanto mais o tempo passa, mais eu me dou conta de que o niilismo que se insinua no mundo em que vivemos penetra até o miolo da minha vida e da vida dos meus amigos. Ser de CL não nos preserva desse perigo. A confusão e o caos que reinam na universidade são um dos muitos sinais destes tempos obscuros. Diante disso, é evidente que a maneira como temos olhado e respondido a essa situação dramática dos últimos meses e a maneira como vivemos nossa vida em geral apontam para uma diferença, que é o sinal da presença d’Ele. Mas, apesar dessa evidência, é sempre como se não bastasse, é sempre como se houvesse um dualismo, uma dúvida, uma indecisão última, pela qual o coração não fica contente, não é movido pelo reconhecimento de que Ele está presente; é um dualismo que nos faz, de um lado, termos a fé (até sincera) em Cristo, mas, de outro, estarmos preocupados com o proveito que podemos obter, e vivermos com medo de sair no prejuízo”. A pessoa pode ficar aqui e, no fundo, pensar que pode continuar no prejuízo. Por isso vive mal. “Então”, prossegue, “usamos mal todas as coisas: a companhia do Movimento e a realidade. Explico melhor. Nos últimos tempos, pude oferecer a Cristo muito de minhas forças, pude fazer muitos e muitos gestos de obediência e testemunho d’Ele (por exemplo, trabalhando para melhorar a universidade com meus amigos, como representante dos alunos), mas esses gestos eram inúteis, pois, no instante, eu não tinha a consciência de servi-Lo; assim, muitas vezes o que domina é a insatisfação, a recriminação conosco mesmos e com os outros, a redução do que encontramos a ideologia, a

² Id., *ibid.*, p. 121.

discurso, a moralismo ou, pior ainda, a psicologia. Mas o coração grita, grita com força, e não se rende a essa redução, pois possui exigências profundas, que não se detêm no estado de espírito ou no capricho da semana, e o coração quer que a evidência de Cristo seja decidida, constante, definitiva, e chegue até uma verdadeira obediência, seja lá o que for que aconteça em nossas vidas”. Ou seja, todos nós precisamos verificar que o que encontramos serve para a vida, serve para responder ao estudo, à doença, à solidão, à dificuldade das coisas que temos de fazer, à urgência de unidade da vida, à urgência de não viver em pedaços.

Isso existe? Existe esse ponto de apoio que possa responder a essa urgência que sentimos? Dom Giussani diz: “A existência representa, antes de tudo, uma decisão acerca daquilo que se reconhece como o próprio fundamento: e tal decisão é um acontecimento que se repropõe continuamente. Trata-se de encontrar o *unum necessarium*, a única coisa necessária, quer dizer, aquilo que nós reconhecemos como significado de nós mesmos e, portanto, como fundamento de tudo o que fazemos”³.

Nós estamos aqui buscando essa única coisa necessária que pode corresponder a essa seriedade da vida. Mas existe uma condição para poder reconhecê-la quando acontece à nossa frente: não censurar o drama, a urgência, a necessidade que temos por dentro. Pois, sem essa urgência, sem essa necessidade, mesmo que Cristo apareça diante de nós, nós não O reconheceremos, não seremos capazes de reconhecê-Lo.

Por isso, a grande graça que devemos pedir hoje é que não censuremos nada dessa necessidade que nos constitui, que não censuremos nada daquilo que em nossa vida ainda não está resolvido, dessa necessidade de sentido, de significado, de plenitude, de companhia, de gosto. Parece quase nada, mas normalmente, sozinhos, nós o censuramos. O fato de estarmos juntos esta noite, todos com uma consciência, com uma urgência de sermos sérios com a vida, é como se me tirasse a vergonha que muitas vezes sinto ao ver um monte de pessoas ao meu lado que não são sérias, quase me envergonhando por ser sério. Aqui podemos vencer juntos essa vergonha, não precisamos censurar nada, podemos encará-la.

Como diz Caterina: “Tive muitas dificuldades neste período, porque o cotidiano, com os afazeres e as pessoas, se transformou numa monotonia insuportável, um tédio, e, embora eu me desse conta da falta de estímulos para fazer qualquer coisa, a única postura que conseguia ter era a de me escandalizar pelo fato de essa inatividade acontecer também diante das coisas que mais me interessam, desde a relação com meu namorado até os estudos, e me fazer pôr essas coisas em

³ Giussani, L. *Em busca do rosto do homem*. Tradução de Durval Cordas, Miguel Mahfoud e Neófita Oliveira. São Paulo, Companhia Ilimitada, 1996, p. 113.

discussão. Diante desse vazio que eu vivia, renasceu em mim o pedido de felicidade e de plenitude; a urgência de uma resposta prevaleceu sobre todas as dificuldades e me permitiu, com pessoas que tenho ao meu lado, desejar não me contentar”.

Nós estamos juntos, como amigos, para nos sustentar nesse pedido, que é o pedido que a Igreja faz no tempo do Advento, neste tempo de espera que nasce justamente das entranhas da urgência da vida: vem, Senhor Jesus! Vem de modo tão poderoso que possamos reconhecer o significado da vida! Que nestes dias possamos conhecer-Te mais, de um modo não teórico, não banal, não abstrato; que possamos ver Teu rosto, Teus traços inconfundíveis, de modo tal que nossa vida possa ser preenchida por esse significado! Mas, para que possamos reconhecer-Te, desperta outra vez em nós, Jesus, essa espera!

O tempo do Advento é um tempo muito bonito. Às vezes uma pessoa se pergunta: por que, se Ele veio, nós O esperamos? É justamente porque Ele veio que nós O esperamos; é justamente porque Ele nos acompanha que podemos olhar juntos para Ele e desejá-Lo cada vez mais. Só a Igreja celebra uma festa como essa, um tempo como esse, pois os outros não esperam mais nada! Nós esperamos porque encontramos Alguma Coisa, porque já O vislumbramos, vislumbramos Sua presença, e por isso desejamos mais que Se torne mais presente em nossa vida e nos salve, ou seja, que todo o significado se revele mais. Quantos de vocês me escreveram desejando conhecê-Lo mais! Mas por que O desejam mais? Porque já O encontraram. Por isso, a Igreja deseja cada vez mais, grita cada vez mais: “Vem, Senhor Jesus!”, justamente porque O encontrou, como nós.

Meditação – Julián Carrón

6 de dezembro, manhã

1. A evidência do fundamento

“Que eu te veja, e isso é a manhã”⁴, foi o que acabamos de cantar, pois, sem Ti, ó Cristo, sem sentir o calor da Tua presença, a imponência da Tua presença, somos como órfãos! Fica clara a urgência da questão com que começávamos ontem: “A existência representa, antes de tudo, uma decisão acerca daquilo que se reconhece como o próprio fundamento”⁵. A questão é encontrar a única coisa necessária, ou seja, aquilo que reconhecemos como significado de nós mesmos e de

⁴ “Ch’io ti veda, ed è questo il mattino”. Mascagni, A. “Al mattino”. In: *Canti*. Milão, Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 2002, p. 176.

⁵ Giussani, L. *Em busca...*, cit., p. 113.

tudo o que fazemos. Mas o fundamento, o significado, o Mistério existe ou não existe?

Começemos a segurar o touro pelos chifres: existe ou não existe?

Escreve Giacomo: “Na semana passada, pregamos na universidade o panfleto de CL sobre o caso Eluana Englaro. Depois de alguns dias, apareceram algumas respostas escritas, pregadas ao lado do nosso panfleto. Comecei a ler essas respostas e acabei parando diante da frase de uma pessoa que citava o panfleto: ‘Assim, o caso Eluana nos põe diante da primeira evidência que aparece em nossa vida: não nos fazemos por nós mesmos’, e prosseguia: ‘Evidência? Vocês têm de parar com essa história de dizer que é evidente uma coisa que na verdade é uma crença de vocês’ [a pessoa nos desafia pra valer!]. Essa frase me deixou um pouco paralisado, e eu me perguntei: mas, para mim, que eu seja feito por um Outro, que os cabelos de minha cabeça estejam todos contados, é uma evidência ou uma crença?”

Esse é o desafio, amigos, e já é uma graça reconhecer que alguém, diante de uma pergunta como essa, não fuja, mas a encare. Nós estamos juntos para poder encarar tudo, mesmo um desafio tão penetrante, tão decisivo para a vida. É apenas por uma sensibilidade que nós O afirmamos? Nós falamos d’Ele, ou Ele existe?

Nestes dias, um dos primeiros que começaram o Grupo Adulto com Dom Giussani me contava uma conversa que teve com ele, na qual lhe fazia justamente esta pergunta: “Mas isso é uma sensibilidade sua? Porque, se for uma sensibilidade sua, eu estou fora!” E Dom Giussani respondia: “Não diga bobagens: eu lhe dou as razões. Não é uma sensibilidade, eu dou a você as razões!” Nós estamos aqui para nos dar as razões, e cada um de nós deve fazer um acerto de contas com essas razões. Não é uma sensibilidade, não é uma imaginação nossa: são razões.

Por isso, o problema é o método com que chegamos à resposta: existe ou não existe? E por isso é decisivo o ponto de partida. Como eu respondia uma vez, há anos, a um aluno meu que me fazia quase a mesma pergunta que faziam a Dom Giussani: “Mas você tem certeza do que diz sobre Deus, com tanta segurança?” E eu respondia sem piscar: “Tenho, porque eu não parto de Deus, mas da realidade”.

Já demos o exemplo a seguir em muitas oportunidades; se alguma de vocês encontrasse em seu quarto um maravilhoso buquê de flores, logo nasceria nela a pergunta: “Quem foi que me mandou?” Se alguém dissesse a essa pessoa: “Deixe disso! Que história é essa de evidência? Deixe disso; é apenas uma crença sua que faz você pensar num ‘quem’”, o que essa pessoa responderia? É só uma crença dela ou é a imponência de alguma coisa que a remete para além? É mais fácil explicar o buquê de flores ou explicar que nós estamos aqui, agora, que estamos aqui, que eu vivo, que você vive, que você está aqui, agora? Tomar consciência disso é reconhecer com simplicidade que dizer “eu sou” com toda a consciência, com toda a capacidade da minha razão, é

reconhecer que “eu sou feito”. Se o buquê de flores pudesse tomar consciência de si, não poderia deixar de dizer: “Fui posto aqui por um outro”. Nós fomos sempre educados e desafiados a tomar a realidade como ponto de partida, mas não a realidade separada de nós, pois a realidade se torna transparente na experiência. Por isso, o ponto de partida é a nossa experiência. É preciso que nunca separemos a razão da experiência. Portanto, procuremos olhar juntos para a experiência, de modo a surpreender o impacto que a realidade provoca em nós. É claro que a surpresa diante da presença das flores ou da presença da pessoa amada ou da presença da realidade constitui uma experiência de provocação: quando abro os olhos para a realidade, tenho à minha frente algo que faz uma provocação à abertura. “O modo com que o real se me apresenta solicita a uma outra coisa. O olhar para a realidade não causa em mim um resultado como sobre uma película fotográfica; não me ‘impressiona’ com a sua imagem e basta, mas me impressiona e me move. O real me solicita, eu dizia, a buscar alguma outra coisa além daquela que imediatamente me aparece. A realidade prende a nossa consciência de tal forma que esta pré-sente e percebe alguma outra coisa. Diante do mar, da terra, do céu e de todas as coisas que neles se movem, eu não fico impassível; sou animado, movido, comovido pelo que vejo, e esse pôr-se em movimento é por uma busca de alguma outra coisa. Posso exprimir essa reação com um pergunta: que é isto (que tenho diante de mim)? Por que isto? Dentro dessas perguntas há como que uma estranha incógnita: o mundo, o real me provocam para uma outra coisa; caso contrário eu não perguntaria o porquê e o como”⁶. Nos momentos decisivos, fica evidente que é assim mesmo. Mas, atenção, o importante é saber como reconhecer isso na experiência. Há algumas semanas, uma pessoa deu este testemunho numa Escola de Comunidade: “Vou logo dizendo que não sou do Movimento. Sou um amigo de Eluana, um dos quatro famosos amigos que teriam de testemunhar no processo, embora meu testemunho, no fim, não tenha sido ouvido. Em todos esses anos, conversei muitas vezes com o pai de Eluana: por ter sido apontado por sua filha, na época em que ela estava bem, como um grande amigo seu, ele sempre me envolveu nessa questão. Diante de algo assim, a primeira reação é a que eu tive: eu tinha vinte e um anos, pois sou um ano mais novo que Eluana, e minha primeira reação foi fugir. Depois, a realidade reaparece: Beppino Englaro me procurou várias vezes, com insistência, e me pôs de novo diante dessa realidade. Eu vi que a Igreja e o Movimento sempre sublinharam a boa-fé de Beppino... É exatamente isso. Quando me confronto com ele, existe um problema jurídico que – é claro – provoca um curto-circuito até num advogado como eu, pois a objeção que ele faz a você é: ‘A famosa senhora Maria, que tinha

⁶ Giussani, L. *O senso religioso*. Tradução de Paulo Afonso E. Oliveira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, pp. 155-156.

gangrena na perna, pôde recusar os tratamentos, como a Constituição prevê. Eluana está numa condição muito pior, pois não pode expressar seu pensamento. No entanto, a ela isso não é permitido”, ou, ao menos, não era permitido, até que a Corte Suprema interferisse [...]. Mas há uma outra coisa diante da qual eu me vi, e me vejo, em dificuldade. Fui várias vezes visitar Eluana, sobretudo no início. A sensação é a de falar com uma pessoa que não o escuta, que não o ouve. Nos últimos tempos, eu ia visitá-la e falava com ela, mas, no mesmo momento em que lhe falava, uma parte de mim se sentia estúpida, no sentido de que eu não estava convencido de falar com uma pessoa que pudesse me ouvir... Eu não quero tomar partido. Dou a vocês apenas o testemunho de uma pessoa que a conhece como ela era antes, que viveu a luta do pai, que teve também de se confrontar com posições diferentes [...] e que, diante desse fato, sempre se perguntou: mas isso é vida? Pois o problema é esse; o problema que eu, enquanto católico, levantava diante de uma coisa que faz parte da minha vida, que me impressionou de modo muito evidente, é: isso é vida? Mas acabei por ter a resposta a essa pergunta, pois, quando saiu a sentença da Corte Suprema, deixei de lado o papel de advogado, deixei de lado o papel de uma pessoa que pode ficar de um lado ou de outro, que pode ser católica ou não, e, dentro de mim, disse: mas você faria isso de verdade [desligaria os aparelhos e a deixaria morrer]? E a resposta foi: não. Eu nunca conseguiria fazer isso. E assim, talvez, se uma pessoa dentro de si, olhando para seu coração, sente que nunca conseguiria fazer isso, talvez seja porque essa forma de vida, num nível tão mínimo de consciência [...], de alguma forma é um mistério, de alguma forma é uma vida que existe, de alguma forma é uma coisa misteriosa. E eu, como homem, jamais poderia desejar suprimi-la”⁷.

Uma coisa é olhar para os fatos de fora da experiência; outra é quando a pessoa se encontra diante da experiência, diante daquilo que a toma por completo. É assim que a realidade se revela, como sempre nos ensinou Dom Giussani: a realidade se torna transparente para nós, não quando a olhamos de fora, pois a realidade não é como uma película fotográfica, mas quando me agarra, revelando o significado. A realidade, assim, é o sinal que faz, na prática, o significado das coisas entrar na vida. A sensibilidade de perceber todas as coisas como sinal é a verdade pura e simples do ser humano.

No último período, fomos todos provocados à seriedade da vida por muitas coisas (pelo trabalho que fizemos na Escola de Comunidade, pelo caso Eluana, pelas questões da universidade), como esse amigo cujas palavras acabei de ler; e eu fico impressionado com o fato de o Mistério nos educar justamente por meio dessas coisas. E como é que Ele nos educa? Não é

⁷ Brenna, N. “É una vita che c’è”. In: *Tracce-Litterae Communionis*, n° XXXV/11, dezembro de 2008, p. 38.

fazendo um discurso sobre o Mistério, mas fazendo acontecerem coisas; ou seja, o Mistério nos educa por meio da realidade. Neste tempo, fomos atingidos, desafiados de muitas formas pela realidade, mas – como vimos – podemos viver a realidade com atitudes diferentes, pois nossa liberdade está sempre no meio, temos sempre uma postura diante da realidade. Ninguém, diante da realidade, é neutro; todos tomam uma posição, são obrigados a tomar uma posição, e se veem vivendo a realidade de um modo ou de outro.

Uma amiga me contava como ela viveu a questão da escola. “Comecei a dar aulas este ano com uma grande expectativa e também com um grande ímpeto, como não me acontecia havia anos, por tudo o que vivi nestas férias diante de testemunhos impressionantes, e por uma série de circunstâncias favoráveis que encontrei em minha escola (a contratação de uma colega minha, a amizade que fiz com um jovem muito bacana, as classes que assumi, de que gostei muito). Mas, depois de um mês, os alunos tomaram as rédeas da escola e houve a ocupação, e eu me vi como que contrariada, com um grande ressentimento, pois as coisas não caminhavam como eu queria, como eu havia previsto, e isso me feriu, pois eu me dei conta de que esse ressentimento diante do que acontecia me fez assumir uma espécie de posição política, de posição ideológica, não original. Como todo o mundo. E, quando nós somos como todo o mundo, acabamos ficando em minoria, e relegados a um canto. O drama, para mim, não era ser relegada a um canto, mas o fato de esse canto não ser meu, de forma que, durante duas semanas, tive dificuldade até mesmo para entrar na escola. Depois aconteceram alguns fatos. Fiquei muito impressionada com a maneira como minha amiga se portou na escola, de um jeito muito diferente do meu, mas, sobretudo, fiquei impressionada com a correção que recebi da Escola de Comunidade, pois me dei conta, nessa circunstância, de que a forma da minha desobediência, a forma normal da minha desobediência diante da realidade, é fingir ter entendido o que acontece; ou seja, diante da pretensão d’Ele, eu não digo como todo o mundo: ‘Jesus é louco!’, mas digo: ‘Sim, sim, já entendi’, no sentido de que assumo um discurso que é um conhecimento de mentirinha, que elimina o dado. Com isso, voltei a ficar muito aborrecida”. E eu lhe perguntava, na conversa que tive com ela: “Mas em que é que a gente erra, do ponto de vista do método?” Ela me dizia: “Quando eu não aceito que sou Tu-que-me-fazes”. E eu lhe respondia: “Mas, antes do ‘Tu-que-me-fazes’, antes disso, o erro está no fato de eu não estar nem aí para o que está acontecendo”. “É verdade”, ela me respondia; “a maneira como eu não estava nem aí era estar aborrecida”. E eu lhe dizia ainda: “Não, você, mesmo antes de estar aborrecida, não estava nem aí com o que acontecia à sua frente, pois o aborrecimento é uma consequência”.

Sim, amigos, tudo começa já com o primeiro impacto com a realidade. Para nós, muitas vezes, a realidade não é algo que nos introduz ao Mistério, não é algo que nos introduz a um percurso de

conhecimento por meio do qual podemos conhecer aquilo que estamos buscando, o Mistério, o significado da realidade, o fundamento. Muitas vezes, o que resta do fato de pertencermos ao Movimento é um discurso que podemos grudar por cima da realidade (“já entendi”). Mas isso, diante de certas circunstâncias, não funciona, como vemos perante o caso Eluana.

Há algumas semanas, me convidaram para um encontro sobre a relação da Escola de Comunidade com o nosso panfleto. Lá estava eu com o responsável da comunidade de Lecco, que é filho de Gianni, uma pessoa que vive a mesma situação de Eluana, praticamente no quarto ao lado. Gianni tem a mesma doença, e seu filho começou nosso encontro de Escola de Comunidade em Lecco me fazendo esta pergunta: “Eu queria que você me ajudasse sobre a questão do olhar, da maneira de entrar numa situação como essa”. E eu respondi logo: “Sim, este é o ponto inicial decisivo: se a pessoa se deixou provocar ou não por aquilo que acontece, pois essa é uma maneira de olhar para a realidade até o fundo”. É o que estamos vendo diante do caso Eluana, como vou dizer daqui a pouco, pois negar essa condição de sinal é negar o Mistério, e por isso é negar a realidade. Pois qual é a nossa grande tentação? É o racionalismo, é a redução do sinal a aparência, o que sufoca a realidade dentro de uma medida nossa. “A grande tentação do homem é esgotar a experiência do sinal, de uma coisa que é sinal, interpretando somente seu aspecto perceptivelmente imediato. [...] Uma certa postura de espírito faz mais ou menos assim com a realidade do mundo e da existência [...]: acusa o golpe, mas reprime a capacidade humana de penetrar na busca do significado, busca essa a que a inteligência humana é inegavelmente solicitada pelo próprio fato da nossa relação com a realidade”⁸, pois a inteligência humana não pode se deparar com alguma coisa sem perceber que essa coisa é sinal de uma outra realidade.

Mas nós sentimos constantemente essa tentação. Um de vocês me escreve: “Apesar das coisas que vejo acontecerem bem diante dos meus olhos, eu paro”. Acusa o golpe, mas reprime sua capacidade de penetrar na realidade, para. Nós, como muitos de nossos contemporâneos (pois nascemos numa circunstância histórica precisa), temos um conceito de razão como medida e, quando a realidade nos desafia além dessa medida, nós cedemos; e, assim, a razão – que é essa energia para penetrar, para entrar no significado – é reduzida, é mutilada, é de certa forma separada de seu motor afetivo, que é o desejo de descobrir a verdade. Se aceitássemos isso e renunciássemos a penetrar no significado, sufocaríamos. Nós vemos isso acontecer com muitos de nossos colegas, que parecem ter feito a opção por uma vida mais simples, não se deixando atingir pela provocação da realidade. Mas vejam vocês mesmos se seus colegas vivem melhor: vejam! Não tenham medo de olhar: vejam se para eles a vida, assim, é mais plena!

⁸ Giussani, L. *L'uomo e il suo destino*. Gênova, Marietti, 1999, pp. 112-113.

Como age o Mistério? O que Ele faz para lutar contra essa medida que nos sufoca, que torna a vida um túmulo? Como é que o Mistério cuida de nós? O Mistério vem ao nosso encontro por intermédio da realidade. Eu pensava nisso em relação a Eluana: se a pessoa olha apenas para a aparência, como fazia nosso amigo advogado, a reduz; mas, quando é obrigada, não pode deixar de reconhecer o Mistério: essa provocação o fez reconhecer o Mistério. É por isso que Eluana não pode ser manipulada, não pode ser reduzida ao que eu posso apalpar, ao que eu toco. Devemos parar, no sentido positivo, pois, do contrário, é uma violência. Quanto mais a pessoa se deixa tocar pelo significado, pela realidade tal como ela é, mais se dá conta de que o eu – como sempre dissemos – é relação com o Mistério, que não pode ser reduzido aos fatores antecedentes (biológicos, psicológicos ou sociológicos).

Nossa tentativa, como sempre, é dizer: “Já sabemos”. No entanto, o Mistério supera constantemente a nossa medida e nos provoca. É uma luta que Ele estabelece conosco para nos fazer respirar, para nos abrir, para nos escancarar cada vez mais para Ele. E como é que o Mistério faz isso? O Mistério revela o significado fazendo-nos viver intensamente a realidade. O Mistério cuida de nós, tem essa ternura conosco, escancarando constantemente o nosso fechamento, a nossa medida. Essa é a luta renhida que o Mistério travou com cada um de nós. Por quê? Por que travou essa luta conosco? Será que é porque não nos quer bem, ou, justamente, é para que nós nunca renunciemos a esse desejo de plenitude, a essa exigência de significado, sem o qual sufocamos? Nessa luta renhida, vemos que resistimos, resistimos a dar precedência ao que o Mistério faz. Ainda bem que o Mistério não me dá trégua, não me deixa parar na minha medida, não me deixa sufocar dentro de mim mesmo e me chama. Mas, diante desse chamado, diante da forma como o Mistério, por intermédio da realidade, me provoca, me desafia, eu tenho de decidir, como cada um de vocês nos testemunha; eu sou obrigado a decidir.

“O título dos Exercícios é incrível”, escreve-me um de vocês; “ele descreve melhor que qualquer outra coisa o que eu vivi dramaticamente neste início de ano. Depois das fantásticas férias de verão da comunidade, viajei com alguns amigos da faculdade de Medicina. Finalmente as férias tão aguardadas e relaxantes, eu pensava. Mas não era isso que me esperava. Bem naquele momento, teve início dentro de mim esse grito, mais forte e mais difícil de entender que normalmente, pois meu pai me telefonou de Milão dizendo-me que o câncer de minha mãe tinha progredido e que ela havia piorado, e por isso a haviam internado no hospital. Assim, tive de voltar. O mês de setembro foi duríssimo; tudo parecia estar contra mim, contra minhas esperanças e meus desejos. Os exames davam resultados cada vez piores, os tratamentos não surtiam efeito, meu pai ficava a cada dia mais irritado, minha mãe já não conseguia fazer quase nada, por lhe faltarem forças, e eu não conseguia realizar bem as coisas que tinha de fazer. Mas ao mesmo

tempo foi incrível ver que o maior e mais evidente mistério, em meio a esse caos, era a vontade de viver de minha mãe, mesmo em sua condição, uma vitalidade incontrolável, acompanhada sempre por um constante, preciso e muitas vezes sofrido ‘sim’ a tudo (às cirurgias dolorosas, às decisões difíceis, às notícias ruins, à realidade, enfim), como se essa fosse sua resposta ao chamado de Alguém que lhe havia prometido tudo”.

Esta é a decisão, meus amigos: ou a realidade é contra mim ou é a resposta ao chamado de Alguém que me prometeu tudo. Foi o que nos testemunhou Damiano, nosso jovem amigo de Treviso que morreu em outubro. Escreve sua noiva: “A coisa excepcional, que sempre me impressionou em Damiano, era sua consciência de que a doença era para ele e não contra ele. Ele viveu a doença como uma oportunidade, a oportunidade de ir a fundo em tudo o que lhe era dado. Eram muitas as dificuldades, e também o sofrimento. Damiano aceitou tudo o que recaía sobre ele; realmente ofereceu tudo”.

Em outras palavras, quando a pessoa se deixa provocar pela realidade e não reprime a capacidade humana de penetrar na busca do significado, percebe a realidade como um bem, não como alguma coisa contrária; percebe a realidade como algo que a escancara para um Outro. Muitos de vocês experimentaram nestes tempos como a provocação da realidade, que pode se tornar um enorme aborrecimento, é, ao contrário, o que faz a vida se tornar bonita.

Lorenzo me escreve: “Nos últimos tempos, tenho sido muito provocado por todas as coisas que estão acontecendo [a realidade nos provoca!], desde as demissões na escola até o caso Eluana; acompanhando a história dela, fiquei com vontade de saber mais: ela me interessava, me provocava, pois vi que, se a gente se deixa provocar pelas situações que acontecem, a vida é muito mais viva, mais bonita. Eu gostaria de estar diante das coisas sem a minha medida, pois reconheço que carrego minha medida diante de tudo. Não sei se é uma pretensão, mas desejo que em cada instante de minha vida algo me aconteça que me faça ver as coisas tal como elas são”.

Ou, como me escreve Carlo: “As agitações universitárias destes meses provocaram todo o mundo; nós também, como muitos colegas de estudo, não ficamos imunes à violência dos protestos. Isso ficou bem claro durante a primeira panfletagem, quando um complexo de inferioridade estranho revelou a postura que nós tínhamos, embora não a confessássemos: ‘E nós, o que faremos? Vamos panfletar e só? Mas panfletar não muda as coisas!’ Nós nos pegamos raciocinando como todo o mundo, pensando como o mundo pensa, no afã de defender uma posição semelhante a tantas outras. Mas, se a universidade fosse perfeita, ficaríamos tranquilos? Essa pergunta me fez voltar a respirar [basta que façamos a pergunta adequada, basta que não nos deixemos constranger por uma medida, e logo depois começamos a respirar outra vez] e a me dar conta da maneira inteligente com que agimos de imediato, como quando organizamos um

encontro na aula magna da universidade estatal com o reitor e dois senadores, ao qual compareceram dois mil estudantes atentos e em silêncio do início ao fim, numa ordem que impressionou até os técnicos de som [isso é o máximo!]. Começamos com uma canção nossa, *L'Opera*. Foi por isso que eu me mexi nestes meses. O que me interessa em primeiro lugar não é a política; o que me interessa é a minha humanidade, a universidade, a plenitude de vida que eu encontro com o Movimento; logo, a política também. Cantar com liberdade diante do reitor e dos professores foi o sinal do renascimento da consciência do que me aconteceu com Cristo [nenhum complexo de inferioridade: é isso que nos permite entrar na realidade inteira!]. Daí, nasceu uma gratidão que me faz estar contente e me sentir vitorioso, independentemente do resultado. É um espetáculo que o mundo não conhece. O reitor comentou: 'Realmente, gestos como estes só vocês fazem'. Um professor de filosofia, declaradamente de extrema esquerda, disse no final do encontro: 'Vendo o que aconteceu hoje, me dá vontade de deixar a universidade nas mãos de vocês', mas acrescentou em seguida, para atenuar: 'Estou só brincando, hein!'... só que ele havia acusado o golpe". Logo depois, vem o cinismo e a pessoa se segura, mas ela teve esse desejo. É uma coisa real, é evidente: para interceptar uma humanidade diferente, correspondente, não é preciso haver nenhuma explicação. Essas pessoas, ateias ou defensoras de posições totalmente contrárias, são visionárias ou será que existe alguma coisa, essa humanidade diferente? É isso que desafia a nossa razão; é dessa diferença que nós devemos dar a razão: ela é real ou é uma crença? Até os adversários veem essa diferença; imaginem se eles têm algum interesse em nos dar um mínimo que seja de razão... "Mas é algo tão imponente, que basta olhar. Não é preciso que façamos parte de uma associação estranha para nos darmos conta do que acontece [poderíamos dizer: não é preciso que pertençamos a um credo particular para nos darmos conta do que acontece]. Esses professores, como também muitos amigos nossos que encontramos há pouco tempo, são a prova de que basta olhar. Às vezes, eles veem mais que nós mesmos. Eu entendi mais o que significa não termos pátria. Nós não somos movidos por uma ideia ou por um valor. Mesmo que de vez em quando estejamos com o reitor, não somos do reitor; mesmo que às vezes concordemos com o ministro, não somos do ministro. Nosso critério para agir na realidade não é um partido, nós não pertencemos a uma ideia, mas a Cristo, na vida do Movimento; é uma correspondência que só quem vive experimenta, só quem se arrisca na realidade. Só aí Cristo nos surpreende, só na realidade, só arriscando a verificação na realidade."

Ou Alberto, que escreve: "As dificuldades e a luta de todos os dias me fazem chegar ao fundo de mim mesmo, até o lugar em que não há mais nada me embaraçando, nada que me distraia, nada que me interesse mais que meu coração despojado de tudo, nu em face da realidade. Nunca na minha vida havia chegado até aqui. Foi assim que comecei o trabalho". Para tanto, é

necessária essa abertura da razão, “é exigida, antes de mais nada, a retomada sincera da palavra ‘razão’, que é a palavra mais confusa do discurso moderno”⁹, é preciso uma concepção da razão não imobilizada, uma razão completamente tomada pela afeição, pois a razão não pode agir sem aquilo a que chamamos afeição; o coração é a condição da realização sadia da razão. “A condição para que a razão seja razão é que a afetividade a invada e, assim, mova todo o homem”¹⁰.

2. Uma presença afetivamente atraente

E o que é que poderia facilitar essa realização sadia da razão, ou seja, que a razão fosse invadida por essa afetividade? Era preciso que o Mistério se tornasse tão carnal, se tornasse uma presença tão afetivamente atraente, que magnetizasse todo o nosso eu, toda a nossa razão e a nossa afeição. Deus entrou na vida do homem mediante uma forma humana, de modo tal que o pensamento e toda a sua capacidade de imaginação, a afetividade e toda a sua fantasia, fossem magnetizados. E como é que nós fomos magnetizados? Por meio da presença de uma humanidade diferente, com a qual pudemos fazer a experiência de uma correspondência única, uma intensidade da vida que nunca antes havíamos imaginado.

E aqui vemos como Jesus age. Por que foi que Ele entrou na história, atraindo toda a nossa razão, toda a nossa afeição, magnetizando a todos nós, com todo o nosso eu? Nós já o lemos na Escola de Comunidade, mas, se o relermos um instante juntos, poderemos entender mais como Ele nos toma e nos educa. Jesus teve piedade das pessoas que tinha a sua frente, porque eram pessoas perdidas, como ovelhas sem pastor, e começou a lhes falar por piedade por sua necessidade. Mas, depois de dois ou três dias com Ele, Jesus percebe que essas pessoas não tinham comido e faz a multiplicação dos pães, e o povo fica muito grato, tanto que “estavam querendo levá-lo para proclamá-lo rei”¹¹. Mas Ele se afasta deles. É muito bonito o modo como Jesus age. Ele poderia ter-se contentado; afinal, eles O haviam reconhecido. No fundo, não era isso que queria? Mas Jesus não quer pregar uma peça neles; Ele sabe muito bem que o fato de tê-los saciado não basta para que eles vivam. “E Jesus disse: ‘Os vossos pais foram saciados com o maná, mas depois morreram. Eu vos trago um maná, eu vos trago um pão que quem dele comer não morrerá mais [se não comerem este pão, estas minhas palavras, não poderão viver]’”¹². Mais uma vez, Jesus poderia ter parado por aí, mas sabe que isso também não pode ser suficiente. “Em verdade, em verdade eu vos digo, se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o

⁹ Id., *ibid.*, p. 108.

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 117.

¹¹ Jo 6,15.

¹² Giussani, L. *É possível...*, cit., p. 114.

seu sangue, não tereis a vida em vós”¹³: desafia, então, toda a medida da razão deles.

Por que foi que Ele os desafiou de uma maneira tão forte, chegando a dizer algo que lhes parece uma loucura? Por não lhes querer bem? Imaginem... Jesus, quando diz o motivo pelo qual veio, que é a paixão pelo destino de cada homem, não cede – como estudamos na Escola de Comunidade -, insiste, não cede, e não atenua o caráter inconcebível daquilo que diz. Os outros, como isso estava além de sua medida, foram embora dizendo que Ele era louco. Já os discípulos ficaram; no entanto, nem aos amigos mais amigos Ele poupou do desafio (até poderia ter-se contentado: eles tinham ficado, que mais queria Ele?): “Vós também quereis ir embora?”¹⁴ Isso é que é um amigo. Por que alguém que faz uma pergunta como essa é um amigo? Por que foi que Jesus, com isso, mostrou-se muito amigo dos discípulos? Ele até poderia tê-los poupado dessa pergunta, mas eles ficariam como nós muitas vezes ficamos: sem fazer o trabalho, sem, no fundo, dar-se conta realmente da razão pela qual ficamos. Ao contrário, desafiando-os, Jesus os obrigou a dar a razão pela qual ficavam, obrigou-os a perceber a correspondência que haviam experimentado: só Ele tem palavras que correspondem ao coração, que dão sentido à vida. Pois a razão é descobrir a correspondência entre o que a pessoa diz sobre a realidade e a exigência que o coração tem na vida. Cristo faz aflorar essa evidência da verdade, que se torna manifesta a nossa experiência na correspondência que experimentamos. Mas, cuidado, estou falando de uma correspondência experimentada, ou seja, não falo de elucubrações, não falo de visões: uma correspondência experimentada. Para que eu possa dar a razão dessa experiência, existe alguém que me corresponde como nenhum outro, existe esse alguém – é claro que existe! -, e tudo grita em mim essa correspondência: Ele existe. Jesus queria que seus amigos se dessem conta disso, e os obriga a extraí-lo de suas entranhas, de todas as fibras de seu ser: deixá-Lo é perder a melhor coisa que aconteceu na vida, de tanto que essa experiência é real. Basta essa simples lealdade. Não precisamos de nenhuma filosofia, basta que sejamos desafiados – como Jesus faz – a tomar consciência disso. Digam-me se isso é uma coisa de visionários! Mas por que os outros foram embora? Porque a medida deles se havia tornado o critério último: não a experiência deles, mas sua medida, sua capacidade de entender, sua concepção da razão como medida. Os discípulos, porém, estavam todos magnetizados por aquela afeição que impedia que sua razão se tornasse medida. Como dissemos, o coração é a condição da realização sadia da razão. A condição para que a razão seja razão é que a afetividade a invada, não a feche, e, assim, a razão possa olhar para tudo o que existe, não para o que não existe, para tudo o que existe, mas que a pessoa não vê sem

¹³ Jo 6,53.

¹⁴ Jo 6,67.

essa abertura da afeição.

Essa foi a grande educação de Jesus: Jesus não desistiu, não cedeu, não atenuou nem um pouco, para fazê-los entender o que havia acontecido, obrigando-os a ficar diante da pergunta e extrair a evidência da correspondência. E isso teve logo duas consequências.

Primeira: um incremento do eu. Isso os fez crescer na consciência de quem era Ele e do que lhes acontecera. Não os deixou continuar distraídos, como que se esquecendo, mas tornou-se amigo deles, ou seja, revelou-se como Alguém que queria defender aquela correspondência muito mais do que eles, um lutador obstinado em defender o que eles haviam vivido, pois Jesus não tem medo de nos desafiar; o que Ele nos quer trazer é mais do que temos em nossa cabecinha, em nossa pequena medida; pois, se Jesus não os tivesse desafiado, talvez até tivessem continuado, mas mais frágeis, mais inconscientes, menos cômicos. Amigo não é aquele que nos consola; por mais que o façamos entre nós, assim nós não somos amigos. O que Cristo traz à vida é algo mais.

Segunda consequência: a introdução ao significado da realidade. A realidade, sem isso, continuaria cada vez mais perdida. Ao contrário, pouco a pouco os discípulos podem entrar no significado de tudo. Mas nós, quando nos vemos diante de algo que supera a nossa medida, pensamos que isso é uma contradição. Não, a realidade não está em contradição com o Mistério, como vocês podem ver; o fato de Jesus agir assim não está em contradição com o Mistério; é essa Sua atitude que nos introduz ao Mistério, que permitiu que os discípulos não continuassem a ser escravos de sua medida.

Se a fé, para nós, não é esse percurso de conhecimento, quando o Mistério nos desafia a ir além da nossa medida nós nos perdemos como os outros, como a multidão: todos foram embora, perderam o melhor. E por que foi que os discípulos ficaram? Porque entendiam mais? Não. Porque estavam apegados a Ele, tinham feito um percurso, tinham tido uma convivência com Ele, não se podiam deixar definir pela medida de compreensão deles mesmos, e assim entenderam mais. Para eles, a obediência a essa experiência que tinham vivido era razoável: por isso, era razoável ficar. Ou melhor, o verdadeiro sacrifício teria sido ir embora, mesmo que, ficando, não entendessem nada: ir embora seria perder essa intensidade, essa relação que introduzia na vida uma intensidade e uma correspondência que eles nunca antes haviam imaginado.

Essa é a grande revolução que Jesus introduziu ao fazer-se homem, ao inserir essa novidade na história, que nos permite fazer uma experiência deste calibre. Digam-me se isso é ser visionário ou se pertence às próprias entranhas da vida de cada um de nós, quando está disponível a fazê-lo, a entrar nesta experiência! Digam vocês a si mesmos se são visionários quando fazem essa experiência, se vocês mesmos podem gerá-la, se é uma produção sua, se é a criação da sua crença! Digam isso a si mesmos! É aqui que nos damos conta de que nos deparamos com Alguém

diferente de nós e de que podemos reconhecer Seus traços inconfundíveis.

Nós não temos medo disso, nem no passado nem hoje. Depois de passar a se sentir livre numa situação complicada, Luca escreve: “Quem é que me torna livre diante das coisas? Quem é que enche meu coração de gratidão? Cristo é uma presença que se impõe a mim”. Ou Marta, que diz: “Comecei a me apaixonar pela realidade”. Ou Angelo: “Não tenho nenhum medo: é um Outro que está agindo”. Nós temos de olhar para isso, o ponto de partida é a evidência do que acontece: fatos, fatos que confirmam uma superabundância, que nós vemos na diversidade humana que temos bem à nossa frente, uma humanidade diferente que tem como ponto mais evidente uma consistência (como a que vocês experimentaram nestes últimos tempos, numa situação em que tudo está desabando e ninguém está nem aí). Portanto, o ponto de partida é sempre o dado. Para não partir desse ponto, teríamos de negar esses fatos. O ponto de partida não são os nossos pensamentos, as imagens, os sentimentos, mas esses fatos: algo que vem antes, que nós não criamos, mas que é tão real, tão fortemente real, que, se não o reconhecemos, somos obrigados a negar um fator da experiência. Até os “cegos” que convivem conosco o reconhecem, e isso me impressiona, porque justamente as pessoas que convivem conosco reconhecem a imponência de algo que nós, tolos, consideramos abstrato. Mas, se é tão abstrato, por que é que os outros, que não acreditam, o reconhecem? Se é tão inventado por nós, por que é que os outros o reconhecem, por que é que os outros são tocados por isso? Eles também são visionários? Somos todos visionários? Talvez seja mais fácil dizer que isso existe, que evidentemente existe, como um fator da realidade. A demonstração da presença de Cristo na história é uma humanidade diferente.

Mas por que nós temos tanta dificuldade? Dom Giussani diz isso em *Uomini senza patria*: “A multidão ficava impressionada, pois a palavra era verdadeira e a verdade carrega sua evidência consigo. Mas imediatamente tudo desvanecia; a multidão o seguia, até pela paixão por ouvi-lo, mas sem empenhar a fundo sua alma”¹⁵. É isso que Jesus, por amor a nossa vida, não nos permite fazer; e, se uma pessoa quiser ficar aqui assim, nós também não lhe permitiremos. É preciso ter uma razão afetivamente empenhada. Não basta que a pessoa fique aqui porque não tem mais nada para fazer. Não, ela fica desafiando a razão, dando as razões!

3. Um vínculo que vence qualquer objeção

Muitas vezes fazemos a nós mesmos uma objeção radical. Afinal, quando nos encontramos diante de uma presença afetivamente atraente, vai tudo muito bem, não é verdade? Mas, quando temos de passar pela dor... Nós não discutimos a existência do Mistério, mas, quando o Mistério

¹⁵ Giussani, L. *Uomini senza patria (1982-1983)*. Milão, BUR, 2008, p. 11.

nos desafia a ir além de uma medida nossa, de uma capacidade da nossa razão, começamos a ter certos pensamentos que eu não quero deixar de encarar aqui. Qual é o conteúdo da palavra seguir? Para entender o conteúdo da palavra seguir, é preciso olhar para Simão e para os outros que ficaram com Ele. “Ficaram com Ele. Observem: não [apenas] do lado d’Ele”¹⁶. Pois, quando veio o momento da crise, da provação, deu para ver quem realmente estava apegado a Ele. A multidão, como não tinha esse apego, não pôde aguentar e O abandonou.

Para entender o que significa seguir, precisamos nos identificar com Jesus: “Tende entre vós o mesmo sentimento que existe em Cristo Jesus”¹⁷. E o que é que vemos em Jesus? Para compreender isso, tomemos como ponto de partida a maneira como os discípulos agiram. Na hora da Paixão, eles também O abandonaram. Por quê? Porque o grande problema do mal é que faz mal. E qual é o mal que o mal faz? De que forma o mal, a dor, o sofrimento fazem mal? É uma coisa que todos nós vemos: basta que alguém nos magoe num relacionamento e logo sentimos uma espécie de afastamento dessa pessoa. Não é verdade? Logo começamos a sentir a separação. Esse é o mal provocado pelo mal, entendem? E de que forma vemos isso em nós? É que, assim que o mal entra em nossa vida e supera nossa medida, se introduz uma espécie de desconfiança, uma suspeita radical em relação ao caráter bom do Mistério. Para nós, a existência do Mistério não é um problema, mas, num determinado momento, quando surgem determinadas circunstâncias... A introdução dessa suspeita é o mal mais profundo provocado pelo mal.

Estes dias li por acaso uma entrevista com o marido de Terry Schiavo, a mulher cuja morte foi autorizada nos Estados Unidos. O marido dizia que o sentimento de vazio, à medida que os dias e os anos passavam, uns iguais aos outros, era devastador. Este é o mal provocado pelo mal: o sentimento de vazio é devastador. Não existe dor maior. Nós também sentimos isso. Diz uma de vocês: “Muitas vezes, diante das coisas difíceis, se insinua uma suspeita: será que o Mistério ainda me quer bem?” Ou um outro: “Eu me dou conta de que preciso olhar para a realidade até o fundo, preciso ver que as coisas que acontecem são realmente postas à minha frente para a minha felicidade, para a minha realização; preciso ver que não existe nada que aconteça sem uma justiça, sem uma razão, uma razão relacionada comigo”.

Quando as situações dolorosas não mudam e não se resolvem, por que não podemos dizer que é tudo um grande engano? Em que sentido a dor e a provação são a maneira pela qual o Mistério se faz presente? Para responder a isso, devemos justamente nos identificar com a forma como Jesus viveu isso, pois Jesus não foi poupado do mal: Jesus sofreu com o mal. Mas qual é a

¹⁶ Giussani, *É possível...*, cit., p. 119.

¹⁷ Fl 2,5.

diferença? A diferença é que, em Jesus, a suspeita não venceu. E por que não venceu? Essa é a questão. Nós achamos que não venceu porque Jesus é uma pessoa melhor, achamos que Ele podia agir de determinada maneira porque tem mais coragem do que nós, porque é mais forte... No fundo: porque é Deus (e assim reduzimos Jesus a um fantástico moralista, a um kantiano obstinado que tem mais força para não se deixar vencer). No fim das contas, esta é a concepção que passa: que a obediência, no fundo, é uma capacidade maior que permite que fiquemos apegados. Percebam como já chegamos ao ponto: na Escola de Comunidade, começamos pela fé como conhecimento, cujo teste é a liberdade como satisfação; bastaram três capítulos, e já voltamos ao velho esquema, ou seja, ao cristianismo como moralismo, entendem? Não foi preciso muito. E dá para ver isso pelo modo como concebemos Jesus: Jesus era uma pessoa melhor e por isso foi capaz de agir assim. Nós, como não somos tão boas pessoas, acabamos cedendo quando nos vemos diante dessas coisas. Seria uma pena que passássemos pela Escola de Comunidade sem ter mudado nosso conceito de obediência.

Na realidade, o mal não foi capaz de vencer Jesus porque não foi capaz de romper o vínculo que Jesus tinha com o Pai, de cortar a relação que Jesus tinha com o Pai. Em Jesus, a suspeita a respeito da bondade do Pai não saiu vitoriosa. Em Jesus, não foi o moralista que venceu, foi o filho, e a obediência, n'Ele, foi a vitória desse vínculo, a vitória da filiação, do apego, que é um juízo sobre o Mistério. O mal não introduziu a suspeita, não a levou a vencer. Nós, ao contrário, queremos ser fortes sem nenhum vínculo, queremos fazer o cristianismo sem Cristo, como se Jesus tivesse desejado fazer a vontade do Pai sem esse vínculo com o Pai. Nós queremos nos virar com as nossas forças. Como dizia uma de vocês: “O título é: *É a realidade que grita: ‘Ele existe!’*”, mas a minha vontade seria dizer: *É a realidade que grita: ‘tudo é Mistério’*. Diante de Eluana, reconheço que é um mistério o fato de ela existir, mas paro por aqui, não chego a dizer que preciso de Cristo para poder olhar para essa situação”. Ela não chega a dizer que precisa de Cristo, que precisa de um vínculo mais forte que qualquer mal. Mas a obediência só é razoável se reconhecemos que nesse vínculo, nesse pertencer ao Pai, está “a realização da vida”¹⁸, pois afastar-se de Ti, ó Cristo, é o verdadeiro sacrifício. O que foi que venceu em Jesus? Essa relação com o Pai, o vínculo, um pertencer vivido. Sem isso, meus amigos, tão logo aparece alguma coisa que supera a nossa medida, vemos que a nossa fé tem uma data de validade. Concluo lendo outra carta: percebam a que grau de profundidade de experiência uma pessoa pode chegar.

“Caríssimo padre Carrón, meu segundo filho, Giovanni, nasceu com uma gravíssima cardiopatia congênita, que vai levá-lo a ter de passar por um primeiro transplante de coração

¹⁸ Giussani, *É possível...*, cit., p. 121.

daqui a alguns anos. Em julho deste ano, recebi um telefonema inesperado: era Vittoria, uma moça de Roma, no sexto mês de gravidez, que tinha acabado de descobrir que seu filho ia nascer com uma cardiopatia muito semelhante à do meu filho. Ela me dizia que, no dia seguinte, viajaria com o marido para Barcelona, para abortar (na Itália, ela já estava fora do prazo permitido por lei). Uma sobrinha de Vittoria, que vive em Como e, por circunstâncias que me escapam, conhecia minha história, tinha conseguido meu número de telefone e propusera à tia que me telefonasse. Inicialmente, Vittoria nem queria o número: era doloroso demais pôr em discussão mais uma vez a opção que ela já havia feito, e, além do mais, ela estava preocupada com a saúde do marido, que no passado havia tido uma crise depressiva muito grave. Mas um impulso inexplicável a levou a me telefonar sem que o marido soubesse. Conversamos mais ou menos meia hora. Enquanto ela me contava sua história, percebi que a doença de seu filho era mais grave do que ela mesma pensava. Omiti voluntariamente a verdade, para não tornar ainda mais difícil a posição da criança. Conteí a meu marido esse último detalhe e ele, de maneira muito decidida, me disse: ‘Escute aqui: Dom Giussani já lhe escondeu alguma coisa da dificuldade da vida, ou apostou tudo na sua liberdade?’ Encontramos uma maneira inteligente para que Vittoria tivesse em suas mãos todos os fatores para decidir: fazê-la entrar em contato com nossa cardiologista. Assim, a médica a informaria completamente sobre a cardiopatia do filho. Liguei para lhe passar o número da cardiologista e perguntar se poderia telefonar no dia seguinte, para saber o que a doutora disse, até para ter um pretexto para voltar a conversar com ela. No dia seguinte, foi a própria Vittoria que me ligou; ela me disse que estava no aeroporto, pronta para viajar para Barcelona. Meu sangue gelou nas veias. Mas ela logo em seguida acrescentou: ‘Compramos também uma passagem para Alice, nossa filha mais velha. Vamos todos de férias. Não vou abortar mais’. É impossível descrever a alegria que experimentei. Eu disse a ela que estava muito contente com o fato de a cardiologista tê-la tranquilizado, mas ela respondeu prontamente: ‘Não foi pela conversa com a cardiologista. Eu já havia decidido depois do nosso telefonema: você salvou a vida de meu filho’. Depois de várias outras ligações, sentimos necessidade de conhecê-la pessoalmente; por isso, em meados de outubro fui passar um dia em Roma. A princípio, eu e Sergio, meu marido, estávamos preocupados com o custo da viagem e o esforço de organização familiar que isso exigia de nós. Mas bastou que nos perguntássemos: ‘Mas que preço estamos dispostos a pagar para obedecer à maneira como o Mistério decide acontecer em nossa vida?’, e não foi preciso muito para que juntos respondêssemos o que a Escola de Comunidade nos lembra: ‘Feito obediente até a morte’. Se a atitude de Cristo perante o Pai foi de obediência, a atitude que devemos ter diante de Cristo é a mesma. A obediência define a atitude de Cristo diante do Pai. Cristo reconhece, aceita e adere ao desígnio do Pai, de forma tal

que, mesmo quando o desígnio do Pai implica Sua morte, Cristo reconhece que aquele é o caminho de Sua vida. Por isso, Deus O glorificou e pôs todas as pessoas em Suas mãos. Foi por isso que decidimos que eu iria a Roma. Em Roma, fui recebida como uma rainha. Enquanto passeávamos pela cidade, perguntei a Vittoria o que a havia convencido, pois eu não conseguia atinar no que fosse: não me parecia que tivesse dito nada tão decisivo [vocês estão vendo? A imponência de um fato, e a pessoa nem percebe a imponência daquilo que existe]. Ela me respondeu que o que a havia impressionado era o fato de eu ser uma mulher feliz, e de termos decidido ter outros dois filhos depois do nosso Giovanni, que hoje tem cinco anos. Ela não entendia como era possível que, com um filho tão gravemente comprometido, tivéssemos decidido não apenas não abortar, mas ter outros filhos. É simples – eu lhe dizia –; precisávamos de uma maneira de dizer a Giovanni, sem dizer, que a vida é boa, mas ele só pode entender isso vendo que eu e meu marido temos certeza dessa bondade. E qual seria a melhor maneira de dizer isso, a não ser lhe dar de presente outros irmãos? Ela acrescentou: ‘Isso me convenceu’. Depois de termos passado a manhã e o começo da tarde juntos, me levaram até o aeroporto. Piero, o marido, não acreditava que eu tivesse ido a Roma só para conhecê-los, gastando tempo e dinheiro. Ele não parava de me dizer: ‘Eu pensava que você tivesse vindo a Roma por questões suas. Mas você veio até aqui só para nos encontrar. Ninguém no mundo faria isso’. Eu lhe disse que, na realidade, tinha uma longa lista de amigos que gostariam de ter estado ali comigo, mas que não tinham conseguido vir. Mas eu gostaria de compartilhar com você um outro fato, o fato decisivo, o que deu uma guinada na minha vida. Quando já me estava encaminhando para o embarque, Vittoria me disse, sem conseguir segurar as lágrimas: ‘Não quero perder você. Você deu a vida a meu filho’. Eu apenas sorri, mas gostaria de ter gritado na sua cara: ‘Não eu, não eu, mas Aquele que está dando a vida a nós também neste instante em que nos entrega uma à outra!’ Fiquei calada. Sorrindo e olhando-a nos olhos, com uma ternura desconhecida, eu lhe disse: ‘Não chore!’ No avião, eu não parava de pensar nesse fato; estava arrependida por não lhe ter dito o que eu pensava. Na noite seguinte, estudando a mostra sobre São Paulo que apresentei em Bérnago, li o texto de uma audiência geral do Papa: ‘Segundo Paulo, a vida do cristão leva a uma identificação nossa com Cristo e de Cristo conosco. Paulo escreve: fomos completamente unidos a Ele. Cristo está em nós, Cristo está em mim’. Depois de ler, voltei a pensar na cena que descrevi e, quase sem fôlego, lembrei-me do encontro entre Jesus e a viúva de Naim: ‘Mulher, não chores!’, em que Ele lhe restituiu o filho. Desde então, este é o meu pensamento dominante: será que é possível que Cristo tenha-se dobrado assim diante do meu nada, a ponto de me tornar uma só com Ele? Mas quem é Este, que teve tamanha piedade pelo meu nada? Quem é Cristina, para que cuides dela? Uma pobre coitada. E o que Cristo fez comigo? Decidiu incomodar-se com

esta pobre mulher, um nada, um zero absoluto, que Ele decidiu tornar tudo com Ele, uma coisa única, realmente uma coisa só, gratuitamente. Mas quem é Este? Deus meu, que gratidão! Como sempre, o Amado me tira o fôlego. Enquanto isso, o menino nasceu, se chama Filippo, e há cerca de um mês está internado no Menino Jesus. Nesse meio tempo, Vittoria conheceu Paola, uma amiga do Movimento de Roma, que tem seis filhos. Ver a amizade e a letícia de Paola está dando também ajuda e conforto a Vittoria e a Piero. Não sei o que será deles, se vão ou não se apaixonar por Aquilo que nos apaixonou, mas sei muito bem o que quero que seja de mim: louca ou equilibrada, doente ou sã, toda Sua, toda Ele. Outra coisa não me interessa”.

Assembleia

6 de dezembro, tarde

Julián Carrón. Recebemos muitas perguntas; escolhemos algumas das mais significativas. Então começemos.

Depoimento. Meu nome é Maria Laura, de Roma. Ontem, lendo a carta de uma garota, você nos disse que, mesmo que passemos uma bela noite, aparece sempre de novo uma tristeza, que é um bem, pois é o pedido do significado. E eu me perguntava: mas quando é que termina essa tristeza? Quando é que encontramos o significado? E você, que significado encontrou? Você tem essa tristeza?

Carrón. É claro!

Depoimento. E não é uma contradição? É que eu não consigo ver a tristeza como uma coisa positiva, pois gostaria de ter alegria na minha vida, não tristeza. Não gostaria de ser triste.

Carrón. Ajudemo-nos a entender isso, pois é uma pergunta que volta com frequência, Maria Laura. Por que é que a tristeza acontece? Porque nos falta alguma coisa; é o sinal de que nos falta alguma coisa, não é? Um bem ausente. E por que isso? Por que, depois de uma bela noite, pode haver essa tristeza? Porque essa tristeza é o sinal da sua grandeza, da minha grandeza: somos tão grandes, somos tão feitos para o infinito, para a totalidade, que a festa não nos basta. E isso às vezes é o que nos assusta, pois é como se quiséssemos que o Mistério nos tivesse feito um pouco menores, e que pudéssemos nos contentar com um pouco menos. É como se tivéssemos calafrios diante dessa grandeza tão ilimitada e quiséssemos reduzi-la. Mas você entende que essa tristeza é o sinal da nossa grandeza?

Depois, se a pessoa entende isso, começa a ver que reconhecer isso é um bem, pois, muitas

vezes, se você não reconhece isso, alguém lhe prega uma boa peça, pois diz que o que responde a sua tristeza é determinada coisa, e outro lhe vende outra coisa, e outro vende outra coisa ainda, e assim por diante. Quantas vezes você já não foi atrás de um monte de coisas que lhe prometiam essa resposta, e elas lhe enganaram? Primeiro, aceitamos essa redução – os outros nos convencem de que é melhor reduzir essa tristeza –; depois, nos enganam. Se, porém, começamos a perceber essa tristeza como um bem, como a capacidade que eu tenho de julgar tudo, de que ninguém me pregue uma peça...

Depoimento. Portanto, eu deveria estar feliz por ser triste?

Carrón. Não, você deveria começar a julgar – não é que deveria ser feliz, a felicidade vem quando vem -: você começa a julgar e começará a reconhecer que, quando lhe oferecem uma resposta que não é razoável, por não responder a toda a grandeza da sua pergunta, você terá a clareza para não ir atrás.

Mas, se nós já encontramos Cristo, você diz, se nós já encontramos o significado, que sentido tem essa tristeza? Que sentido tem, para mim, essa tristeza? Essa tristeza, essa insatisfação, que é uma insatisfação diferente, tem o sentido de nos desafiar a buscar esse significado. Eu sempre dou o exemplo da saudade. Uma pessoa que está apaixonada sente ou não sente a saudade da pessoa amada?

Depoimento. Sente.

Carrón. Sente. E essa saudade é negativa ou positiva?

Depoimento. É positiva.

Carrón. É positiva: falta-lhe alguma coisa, você encontrou a pessoa amada e sente saudade. É positiva. Você gostaria de estar apaixonada e não sentir essa saudade?

Depoimento. Isso significaria que não estou apaixonada.

Carrón. Muito bem. É a mesma coisa que me acontece com Cristo. Por isso, não me interessa um tipo de relacionamento que não tenha por dentro essa saudade de Cristo, essa tristeza que me acende o desejo de encontrá-Lo cada vez mais. E então, quando sinto essa tristeza, é como a saudade. Por que sinto isso? Porque Tu, ó Cristo, me faltas, e eu Te agradeço por isso, pois, sem essa tristeza, sem sentir a falta, sem sentir a saudade de Ti, eu não viveria. Dá para entender?

Depoimento. Claramente.

Carrón. Se o ponto de partida é uma abstração, a pessoa não entende; se é uma experiência, entende. Se você parte da experiência, entende essas coisas. E isso mostra como muitas vezes nossa razão funciona fora da experiência, e por isso nós não entendemos muitas coisas, e assim gostaríamos que a vida fosse diferente, quando, na realidade, ninguém gostaria de perder essa saudade, pois ela é a possibilidade permanente de um relacionamento, de que eu sempre me dê

conta de Cristo.

E isso – eu dizia – é diferente de uma pessoa que está sozinha, que não encontrou uma resposta, que não encontrou um significado. Pois, para alguém que encontrou Cristo, essa tristeza é abraçada pela presença d’Ele, e por isso não está em contradição; essa tristeza já é abraçada por completo, e tudo o que resta dela continua porque o Senhor quer me levar além, além da plenitude que alcancei, para me dar uma intensidade cada vez maior, para me preencher cada vez mais. Se vocês quiserem se contentar com menos, é um problema seu, não me diz respeito, não me interessa.

Depoimento. Meu nome é Gabriele, venho de Roma e estudo na Sapienza. Você disse hoje, ao falar da professora do colégio, que a desobediência estava em não estar nem aí com aquilo que estava acontecendo. Quando da ocupação da minha faculdade, eu me lancei muito na relação com meus colegas de curso, cheguei até a participar das assembleias de alunos e, com os amigos do Movimento, a escrever um panfleto de juízo contra a paralisação do ano letivo. Ou seja, não é que eu não estava nem aí. Mas, apesar disso, eu vivia muito aborrecido. Então, eu me pergunto: que significa nos empenharmos, nos lançarmos numa situação?

Carrón. Muitas vezes, como eu dizia hoje de manhã, nós nos sentimos reconhecidos e, em vez de nos deixarmos tocar pela realidade, que nos desafia a buscar um significado, dizemos: “Já entendi, e não me interessa mais”, pois já temos a resposta. Muitas vezes, nós já temos a resposta pré-fabricada. E o que acontece? Que, quando é assim, nossas respostas construídas ideologicamente não têm nenhum interesse para os outros. Como dizia a professora: a consequência é um enorme aborrecimento. E eu digo: graças a Deus, meus amigos, porque respostas pré-fabricadas não servem nem para nós - como se o cristianismo, o que resta do cristianismo, fosse um discurso que nós sabemos muito bem, e então vamos até lá, dizemos nosso discurso e podemos deixar de acertar contas com a realidade. Isso não nos serve, pois as pessoas se afastam cada vez mais de uma coisa assim. Aí, nós continuamos com nosso discurso correto, os outros nos ignoram e ficamos cada vez mais aborrecidos, porque cada vez mais excluídos. Entender isso é fundamental, pois, do contrário, só aumentaremos o partido dos aborrecidos. Há muitos cristãos que vivem aborrecidos com um mundo que desaba bem diante de seus olhos: “A nós, que temos razão, ninguém dá ouvidos!” Não é para menos que Jesus se fez carne (não enviou um discurso pelo correio; poderia, se quisesse, ter mandado instruções pelo correio), fez-se homem para nos fazer companhia da maneira como Ele vivia a realidade.

Vocês viram, hoje de manhã, a última carta, de Cristina, como era bonita? O que foi que convenceu sua amiga, que queria abortar? O discurso da médica ou o testemunho de Cristina? Ela

pensava que o que convenceria sua amiga seriam as razões da médica. Mas não foi isso que aconteceu: “O que me convenceu foi ver como você vivia a relação com seu filho, que tinha essa doença”. Já não nos basta apenas possuir a doutrina correta! O que eu preciso é fazer uma experiência diante da criança doente, do filho doente que eu tenho; o que eu preciso é que, na minha maneira de viver essa situação, eu a perceba como um bem para mim. Se eu não vivo isso, imaginem que serventia tem, para a mãe, possuir a doutrina correta a respeito da vida; de que serve aos esposos, se quiserem manter sua família de pé, possuir a doutrina correta sobre o matrimônio? Nós também somos chamados a fazer o percurso do conhecimento, ou seja, somos desafiados pelo Mistério a entrar na realidade de modo tal que a realidade se torne sempre uma possibilidade de viver. Então, se eu percebo a realidade assim, se começo a viver, dentro de qualquer experiência, faço a verificação da fé e fico cada vez menos aborrecido, pois, independentemente de estar em minoria e de que os outros ignorem o que eu digo, começo a fazer uma experiência positiva da vida para mim. Essa é a forma de comunicar o que eu vivo aos outros, pois o conteúdo e o método coincidem.

Não existe outra possibilidade de comunicar o que dizemos, a não ser vivendo-o. Não existe outra forma de comunicar o discurso correto e limpo, senão o testemunho. Pois, do contrário, o que fazemos do cristianismo? De novo, nós o transformamos numa fantástica teoria. Mas, se o Verbo se fez carne, não podemos retirá-Lo agora da carne para que se torne apenas um discurso. O cristianismo se comunica por meio da carne da testemunha. E, para que possamos ser testemunhas, não nos basta ficar vendo os touros das arquibancadas, precisamos pôr as mãos na massa e ver se esse percurso do conhecimento é um bem para nós, se ele é, para nós, uma coisa que constrói a vida, algo que nos torna cada vez mais nós mesmos, mais consistentes, mais gratos. Se não fizermos isso, seremos cada vez mais pessoas aborrecidas que possuem um discurso correto.

Essa é a oportunidade para nós. Pois, cada vez mais, vemos que o mundo desaba bem diante dos nossos olhos e que as pessoas estão cada vez mais distantes. E como podemos retomar? Podemos retomar da mesma forma como começou o cristianismo, como São Paulo retomou. Você consegue imaginar que São Paulo, quando o mundo inteiro pensava de uma outra forma, andasse aborrecido pelas estradas do Império Romano, a levar Cristo? Ou será que estava todo entusiasmado com o que havia encontrado, que lhe permitia entrar na realidade, enfrentar tudo com a presença de Cristo, a ponto de verificar o que acontecia na própria vida? E São Bento? Eles eram pessoas que viviam uma situação como a que nós, aos poucos, vamos vivendo. Nós podemos nos aborrecer com o mundo, porque ele não é do jeito que pensamos, e dizer simplesmente que os outros não têm razão. Ou, então, é como diz Péguy: Jesus não perdeu tempo

repreendendo o mundo por ser mau. Foi direito ao ponto: fez o cristianismo, ou seja, começou, na Sua relação com a realidade, a viver o que dissemos hoje de manhã.

Depoimento. Meu nome é Lorenzo, do Instituto Politécnico de Milão. Nos últimos tempos, tenho percebido que não vivo plenamente o período que estou atravessando, e fico insatisfeito. A posição que eu assumo nisso é a de esperar; eu tenho certeza de que existe uma resposta, mas, no momento, ela não é nada evidente, não faço experiência dela. Cheguei até a ficar em dúvida se viria ou não aos Exercícios, e mesmo a pôr em discussão a experiência que nós vivemos. Mas, lendo uma anotação que minha mãe escreveu em *O senso religioso*, vi que a dúvida é fruto da falta de empenho com a realidade. Assim, provavelmente é a minha postura que está errada. A pergunta que deriva de tudo isso é: como romper essa falta de empenho? Como é que eu vou reconhecer a resposta e quando vai acabar a espera?

Carrón. Tomemos como ponto de partida o que sua mãe diz: a dúvida é fruto de uma falta de empenho com a realidade. O que você responde, se eu lhe pergunto: esta folha de papel é branca?

Depoimento. É.

Carrón. É. Você vê como não existe nenhum problema para reconhecer isso? E você tem alguma dúvida quanto a isso?

Depoimento. Não.

Carrón. Não. Quando nós não temos uma falta de empenho com a realidade, a dúvida é vencida. Mas, para isso – como você vê –, não é preciso sei lá que tipo de energia especial; é preciso simplesmente uma lealdade. No entanto, mesmo que seja extremamente pequena, essa lealdade não é mecânica; não é um esforço enorme, mas é preciso que o eu se empenhe: o reconhecimento da realidade não é mecânico, mas é um gesto do eu, envolve o eu. Você pode ficar a um milímetro da realidade sem se empenhar, sem fazer um gesto de reconhecimento, ou pode simplesmente reconhecê-la, ser leal consigo mesmo e reconhecê-la, e a dúvida então é vencida. É extremamente fácil, é facílimo, mas é dramático, porque não é mecânico. Dá para entender? Nós gostaríamos de nos poupar disso, mas imagine a relação com todo o resto, com os amigos, com você mesmo, sem esse envolvimento. Se você não se empenha com lealdade (pois é simplesmente uma lealdade com o que acontece), o que sempre sobra para você é uma distância maior, uma dúvida maior, pois basta um milímetro para que já fiquemos em dúvida. Ao contrário, se a cada momento, diante de qualquer coisa, o eu se empenha, essa é a vitória sobre essa dúvida, sobre esse distanciamento, sobre essa falta de empenho, e a pessoa, assim, fica cada vez mais apegada, mais segura, num sentido ou num outro, e então cresce. Se ficamos afastados, ficamos cada vez mais à mercê dos estados de espírito, dos sentimentos que mudam constantemente, e

cada vez mais perdidos.

Eu gostaria de tirar esse drama de vocês, mas é impossível. Gostaria de tirar essa dificuldade de vocês, mas é impossível, meus amigos, pois essa é a sua grandeza, essa é a sua dignidade. A pessoa pode aceitar isso, e então a vida se torna cada vez mais clara, cada vez mais segura. Ou, ao contrário, pode se afastar e ficar cada vez mais na dúvida, na areia movediça. Essa é uma escolha que a pessoa tem de fazer. Não é que isso torne sua vida mais fácil. Se essa falta de empenho tornasse a vida mais fácil, eu diria: e quem é que nos manda fazer o contrário! Mas é exatamente o oposto: a pessoa fica cada vez mais perdida, e por isso a vida é mais complicada, a pessoa não sabe como se mexer. Eu lhes pergunto: não está mais de acordo com a nossa exigência e com o nosso desejo de significado nos empenharmos, respondermos ao desafio da realidade, à provocação que a realidade nos faz? Cada um de nós deve dar essa resposta, pois ninguém pode dá-la em nosso lugar.

Depoimento. Eu me chamo Agnese e faço Pedagogia na Universidade Católica. Em silêncio, no ônibus, eu pensava no que quero da vida, no que diz respeito ao relacionamento com meu namorado, aos estudos e às amigadas. Não tenho claro o que quero, ou melhor, penso em muitas coisas, mas nunca conseguiria dizer uma coisa só, com tanta decisão e certeza como Cristina escreve em sua carta: “Ser toda Sua. Outra coisa não me interessa”. Como é que chegamos a essa certeza? E, para que estes dias não sejam apenas um parêntese, como podemos não parar na resposta à provocação, mas tornar isto um método para tudo e para cada dia?

Carrón. Então você não é da forma como você diz! Se você tem o desejo de afirmar: “Ser toda Sua. Outra coisa não me interessa”, não é verdade que está tudo confuso; alguma coisa já está clara!

Depoimento. É mesmo.

Carrón. Para chegar até aí, é preciso percorrer um caminho, é preciso seguir uma estrada. É o que buscamos constantemente fazer juntos, com os nossos gestos, com a companhia que somos uns para os outros, com a nossa resposta aos desafios da vida. Foi o que os discípulos fizeram, diferentemente da multidão. O que foi que permitiu que os apóstolos chegassem a essa certeza? O fato de se terem envolvido num relacionamento com Jesus, de forma que, a certa altura - como você gostaria que lhe acontecesse - o sacrifício para eles seria ir embora. Não é que ficaram porque queriam fazer um favor a Jesus: ficaram porque, sem Ele, para onde iriam?

Os discípulos eram pobres coitados como nós, que tinham aprontado de tudo, que queriam que caísse fogo do céu sobre os samaritanos quando se irritavam, que brigavam entre si, que não entendiam nada. Como nós, tudo exatamente como nós. Não é que o Evangelho os pinte de um

jeito que não é real: todos os defeitos e limites estão explícitos; é como se o Evangelho não precisasse tirar nada de seus defeitos. Mas, em meio a esses defeitos, eles percorreram um caminho que permitiu, aos poucos, que se afeioassem cada vez mais a Jesus. A questão é se, para nós, cada circunstância que vivemos, cada momento da vida, é uma demão de cola, pois é assim que começamos realmente a compreender o que queremos, qual é a diferença entre continuar sem um significado, sem uma realização da vida, e ter essa experiência de plenitude que nos cola cada vez mais a Cristo.

Isso é um caminho. Nós, muitas vezes, nos preocupamos em sermos bons, ou coerentes, mas somos como os discípulos, cheios de limites. Isso não nos deve confundir, não interessa. O que é que interessa? O que interessa é se aos poucos cada experiência que fazemos nos permite entender sempre mais o que queremos. E é isso que levará você a ter uma afeição a Cristo, até o ponto em que diga: a Tua graça vale mais do que a vida, quero ficar contigo, ser todo Teu é o que me interessa. Esse foi o resultado de um percurso, de uma convivência, da verificação de uma proposta, de uma obediência à correspondência com Cristo. Se você encontrou essa correspondência, como os discípulos, quem é que a impede de se envolver até o ponto de verificar cada vez mais se é isso que realmente torna a vida mais bela, mais clara, mais satisfatória em tudo, nos estudos, no relacionamento com os amigos, com as amigas, na relação com o namorado? Em tudo, em tudo o que uma pessoa vive.

Sem isso, não seria razoável, pois ninguém lhes pede uma adesão imediata a algo que vocês não verificaram. O que foi que Jesus fez? “Amigos, eu me torno homem para acompanhá-los. Outra coisa eu não posso fazer. O que eu posso é dizer: se vocês vêm comigo, a vida é mais bela, vocês têm o cêntuplo aqui e a vida eterna.”

E esse é o desafio. Para alguém que queira alcançar a plenitude e a felicidade da vida, esse é o maior desafio. E nós não o vemos apenas numa teoria do passado: nós o vemos em pessoas que testemunham que, vivendo assim, a vida é mais interessante. E não é que nós somos tolos e estamos aqui porque não temos mais o que fazer no fim de semana; estamos aqui porque experimentamos isso. Então, se nos acompanhamos nisso, pouco a pouco fazemos essa experiência e entendemos cada vez mais por que é razoável aderir, sermos cristãos. Sem isso, a pessoa não tem razões adequadas.

Depoimento. Meu nome é Vera, de Munique, na Alemanha. Estudo Psicologia. Nestes meses, tenho percebido cada vez mais que todas as teorias que tenho de estudar não são suficientes para explicar o homem, mas que existe realmente um fator misterioso, que ultrapassa qualquer medida minha. Aqui, ainda mais; aqui, com vocês, reconheço uma excepcionalidade que não encontro em

nenhum outro lugar. Mas como é que eu posso olhar para a realidade de modo que fique evidente que esse Mistério tem o rosto de Cristo? A realidade, todas as coisas, mesmo as que não me correspondem. Como posso dizer Seu nome sem que isso seja abstrato ou algo colado como uma etiqueta?

Carrón. Eu lhe agradeço, pois essa relação que você faz entre a experiência e os estudos é decisiva. Realmente, muitas vezes os estudos caminham de um lado e a experiência, de outro. Mas o fato de você começar a se dar conta de que todas essas teorias não bastam para explicar o homem – esse fator misterioso que ultrapassa qualquer medida -, essa é uma questão decisiva para os estudos. Do contrário, que psicologia você estudaria? Uma psicologia já reduzida. Isso pode acontecer com a psicologia, com a antropologia, com a filosofia, com tudo. O que você começa a reconhecer me parece fundamental para vencer o dualismo que às vezes carregamos conosco: de um lado, as coisas que fazemos, os estudos que fazemos, nos quais usamos a razão como medida, e, de outro lado, a experiência que vivemos, essa luta renhida, de que eu falava hoje de manhã, entre o Mistério e nós, para romper essa medida. Se você, exaltada pela experiência que fez, quer entender a psicologia de uma pessoa, deve partir dessa mesma experiência. Do contrário, não entenderá nada, e eu não mandaria ninguém a seu consultório; não porque eu não quero, mas porque você provocaria mais desastres do que aqueles que resolveria. Dá para entender? Tudo isso lhe diz que, se você tem essa hipótese como ponto de partida, deve procurar estudar mais, ou seja, tem um motivo verdadeiro para estudar, para verificar o que tudo o que você estuda tem a ver com a sua experiência. É como se isso lhe desse um acréscimo de curiosidade para estudar. Estudar, então, é diferente, se tem a ver com a experiência que a pessoa faz. Nossa experiência não é para aqueles que querem se tornar devotos e piedosos, deixando os estudos correrem por sua conta. Não. Nós queremos nos tornar homens e vencer esse dualismo que está na origem dessa divisão do nosso eu: de um lado, o uso que eu faço da razão de acordo com uma medida e, de outro, a experiência que eu faço. Por isso, essa sua pergunta me impressiona, pois, dentro dela, já existe o início de uma resposta; é fundamental que uma pessoa se dê conta disso na maneira como estuda.

Depoimento. Meu nome é Cecília, de Turim. Hoje, você revirou por completo a minha situação, quando disse que tem certeza não porque parte de Deus, mas porque parte da realidade.

Carrón. Eu revirei por completo a situação para você?

Depoimento. Sim, revirou, porque isso significa que, então, o ponto da questão não é que nós, diante das coisas, devemos nos esforçar para demonstrar que...

Carrón. Muito bem! Finalmente! Vocês estão vendo? Não é que nós tenhamos de nos esforçar

para afirmar que Deus existe. Dá para entender? Muito bem! Mas...?

Depoimento. ...Mas ficar diante de uma evidência.

Carrón. Mas ficar diante daquilo que existe. Então a pessoa descansa. Ou seja, não é que nós O afirmamos por meio da nossa tentativa (como se o Mistério precisasse de nós para afirmar que existe!). Ele existe, relaxe... Devemos relaxar um instante: ele existe, e todos os nossos problemas não põem isso em discussão. É como eu sempre digo, brincando: vejam como as montanhas tremem diante das nossas dúvidas sobre elas! Não tremem coisa nenhuma! Nós somos tão modernos, que estamos convencidos de que somos nós que criamos a realidade, que, se a afirmamos, ela existe, e, se não a afirmamos, deixamos que ela caia no nada. Finalmente começamos a entender que talvez seja o contrário, e então podemos relaxar.

Depoimento. É verdade. Sobretudo, de um lado, isso é muito libertador.

Carrón. É isso mesmo: muito libertador.

Depoimento. E, de outro lado, diante do relativismo do mundo, é a única posição possível, pois você não defende o seu ponto de vista particular.

Carrón. Perfeito, perfeito!

Depoimento. Minha pergunta, então, tem a ver com o passo seguinte. Você hoje disse que temos a tentação de fazer o cristianismo sem Cristo. Eu me dei conta de que, não sei como, enquanto temos de dizer Mistério, Presença, companhia, tudo bem; mas, quando temos de dizer Jesus Cristo, é como se caísse um véu de embaraço, ficamos com medo de cair no espiritualismo visionário. Mas eu fiquei balançada hoje, porque você falava d'Ele como de alguém vivo. Portanto, o que eu desejo é falar d'Ele como você.

Carrón. Preste atenção à passagem que você fez em relação à realidade e ao Mistério: primeiro, com o Mistério, você tinha a mesma dificuldade que tem agora com Cristo. Já deu um passo de gigante. Agora, precisa dar outro, certo? E o passo, como você disse, é poder dizer tranquilamente que Cristo está presente, sem ter de se esforçar para afirmar que Ele está presente, simplesmente reconhecendo-O.

O ponto de partida é sempre a realidade. E qual é a realidade que nos permite reconhecer Cristo tranquilamente? Uma excepcionalidade. Uma vez que você entendeu isso que disse, o passo de Cristo é o mais fácil. Você sabe por quê? Porque é mais excepcional, porque, quanto mais bela é uma coisa, quanto mais é excepcionalmente bela, mais fácil é reconhecê-la. E Jesus é tão excepcional, tão único, que pode ser facilmente reconhecido; com seus traços absolutamente inconfundíveis, é Ele sem dúvida nenhuma: é Ele que tem essa capacidade de ternura, essa capacidade de correspondência, esse amor pela liberdade, essa paixão pelo destino. Onde foi que você já encontrou Alguém assim? Na rua, todos os dias? Para ser cristã, a pessoa precisa ser um

gênio: não é que precise possuir uma qualidade especial qualquer, mas no sentido de que, entre tantos rostos, a pessoa saiba descobrir o rosto de alguém, nome e sobrenome, nada de abstrato, nome e sobrenome. Quanto mais é excepcional, mais fácil é reconhecer esse rosto. Você entende por que os discípulos não tiveram nenhum problema para reconhecer Jesus? Era fácil reconhecê-Lo. Você acha que havia tantas pessoas como Ele no Seu tempo? Por que é que foi fácil, para nós, reconhecer Giussani? Havia muitos Giussani? Por que é que foi tão fácil reconhecer a excepcionalidade que a trouxe até aqui? Você tem muitas colegas assim? É fácil, absolutamente fácil.

Então, quanto mais é excepcional, mais a pessoa fica tocada, mais a pessoa é tomada, mais a pessoa – dizíamos hoje de manhã – é magnetizada. Então, a pessoa precisa se perguntar: agora que me encontro magnetizado por isso, quando foi que isso começou na história? E, se você não desiste dessa pergunta, dessa simplicidade, é impossível – eu lhe garanto, eu a desafio – que você não chegue a dizer o nome d’Ele para explicar essa excepcionalidade. É extremamente fácil; não compliquem, é extremamente fácil: quanto mais é excepcional, mais fácil é.

Hoje à noite veremos isso ouvindo nossa amiga Vicky. Quando todos a rejeitavam, todos os seus parentes, todas as pessoas de seu povoado, havia muitos que se aproximavam dela? Era comum que, enquanto ela se afastava, uma outra se aproximasse mais e mais? E que, quando, como ela diz, cheirava mal, a outra, em vez de se afastar, se aproximasse mais? Muita gente fazia isso? Ela teve muita dificuldade para reconhecer no rosto de Rose os traços inconfundíveis de Cristo, hoje? Ela nos dirá isso esta noite. Para nós é difícil apenas por um motivo: porque separamos isso da experiência, porque pensamos que isso acontece a-historicamente. As outras pessoas, as pessoas que travam relação conosco, reconhecem mais. Tanto é, que a maior graça, para nós, são aqueles que chegam por último, são aqueles que se surpreendem mais do que nós, pois nós, a certa altura, demos por óbvios esses traços inconfundíveis, e assim pensamos que eles caem do céu, que é pura magia. Não, não, não, não, não: nada de magia, nada de algo que caia do céu. É simplesmente uma corrente de testemunhas que tem uma origem precisa: essa origem se chama Jesus de Nazaré.

Depoimento. Meu nome é Guadalupe, da Universidade Complutense de Madri. Por que temos tanta dificuldade para usar a razão afetivamente empenhada? Eu não quero acabar como aquela multidão que abandonou Jesus. Eu vejo em você uma razão afetivamente sustentada, que chega até o fundo da realidade; ou seja, você diz o nome de Cristo. Por que foi que Cristo disse: “Querem ir embora?” e não: “Vocês acreditam em mim?”?

Carrón. Justamente por isso, para nos desafiar a usar a razão de um modo afetivamente

empenhado, pois, sem esse desafio de Jesus, nós teríamos feito como a multidão. Ao contrário, quanto mais somos tocados por isso, por Sua presença, mais ela nos magnetiza, é uma demão de cola, e mais desejamos nos empenhar.

Vejam só, meus amigos: que a pessoa se apaixone não é um esforço, é apenas fruto de uma razão afetivamente empenhada. É complicado? Se, depois, a pessoa, diante de seu namorado, de sua namorada, de seus amigos, não se empenha, não consegue entender qual é o bem que eles são para a sua vida. O mesmo acontece com Jesus, mas com muito mais intensidade, pelo que dizíamos antes, pois é tão excepcional que é mais fácil. Devemos tirar da cabeça que o cristianismo é difícil: é difícil apenas na cabeça de vocês. Porque, quanto mais é excepcional, mais fácil é reconhecê-Lo, e por isso empenhar-se, deixar-se tomar. É uma abstração o fato de vermos o cristianismo fora da experiência. Pois qual é a experiência normal que fazemos? Que a razão se empenha afetivamente. E eu quero me empenhar nisso. A questão é a nossa liberdade, não porque isso seja complicado: eu me empenho porque não quero perdê-Lo; façam vocês o que quiserem, mas eu me empenho porque não quero perdê-Lo. Os discípulos se empenharam com Jesus não para Lhe fazer um favor, mas porque não queriam perdê-Lo. É a obediência a essa correspondência experimentada, como estudamos na Escola de Comunidade, pois a pessoa não quer perder o relacionamento que preenche sua vida, seu olhar, o coração de alegria. Eu me empenho por isso. Por quê? Porque não suporto mais viver sem Ele. E não é que eu não tenha a tristeza como todo o mundo, ou não tenha a solidão, mas tudo isso para mim é um recurso, não uma dificuldade. Eu agradeço a Ele que me aconteçam todas essas coisas como a todo o mundo, que eu não seja diferente de todo o mundo. Eu não quero ser diferente de ninguém! Porque, se fosse diferente de todo o mundo, não precisaria d'Ele, não precisaria me empenhar, não precisaria da afeição a Ele. Eu não quero ser diferente, eu quero ser como todo o mundo, porque o Mistério nos fez assim, e nós somos tolos por pensar que nos fez malfeitos. Não, ele nos fez muito bem, nos fez para que nos deixássemos colar a Ele, mas nós só nos deixamos colar se nos deixamos tocar, se nos deixamos atrair, fascinar por Sua presença.

E por isso eu sou e serei sempre grato a Dom Giussani por essa forma de nos falar de Cristo, de nos introduzir ao cristianismo assim, pois eu hoje não consigo julgar ou viver a tristeza sem fazer memória d'Ele. Por isso, quando alguém me diz: “Mas como você consegue?”, eu digo: “E como é que você consegue viver sem Ele? Explique isso pra mim! Eu o explico muito bem a você, porque eu consigo viver com Ele”. Ou seja, o que me surpreende é como vocês podem viver sem se empenhar. Como é que conseguem? Como conseguem viver sem fazer silêncio, como conseguem viver sem ler a Escola de Comunidade, como conseguem viver sem ouvir a Sua voz? Eu não poderia mais viver, se não O ouvisse mais falar: como vocês conseguem? Digam-

me! Muitas vezes, vivemos mal, porque não podemos estar aqui sem pensar, sem fazer experiência de que aqui, aqui, nesta relação está a realização da vida. Depois, eu cometo erros como todo o mundo, mas tudo isso não me distrai, não me confunde, não me deixa perdido. Eu sei que sempre me falta e sei o que me falta. Posso buscá-Lo ou não, mas sei o que me falta. Às vezes direi sim, às vezes direi não, mas sei o que me falta e, quando estou triste porque digo não, sei muito bem por que estou triste, não é que me confunda. Eu quero usar minha energia para isso.

Depoimento. Meu nome é Sara, de Milão, e gostaria de perguntar por que, diante das dificuldades, eu emprego outros critérios, por que tudo aquilo que eu vivi de excepcional neste início de ano não chega a romper a dificuldade que eu tenho em certas situações, nas quais me sinto...

Carrón. Porque o Senhor não lhe prometeu poupar-lhe da dificuldade, você me entende, Sara? Se lhe tirasse a dificuldade, como você teria necessidade d'Ele? Cristo não nos prometeu poupar-nos da dificuldade (digamos as coisas claramente), como dizia hoje de manhã a carta de Cristina.

Depoimento. Não ponho em dúvida a presença de Cristo, mas por que o vínculo com Ele não envolve tudo e não vence todas as circunstâncias? Às vezes, tenho medo de que me falte alguma coisa. Você, antes, disse que a pessoa é tola quando pensa que lhe falta alguma coisa, mas, em relação a certas situações que sempre se apresentam, eu me sinto sem forças.

Carrón. Vejamos o exemplo da mãe e do filho. O filho muitas vezes vê a mãe e fica com ela, e muitas vezes faz o que lhe dá na cabeça. Isso significa que falta a ele algum coisa da mãe ou que, para entender realmente, precisa de tempo? Não é que lhe falte nada em particular, o que lhe falta é a consciência de que o bem mais precioso para ele é a relação com a mãe. Como é que você aprende a diferença entre Jesus e qualquer outra coisa? Às vezes, escolhendo uma outra coisa e vendo que não é o mesmo. Jesus não tem nenhum problema com isso, e lhe diz: “Compare-Me com tudo, Sara, compare-Me com tudo, pois assim você vai entender quem Eu sou”.

Precisamos de tempo e não devemos nos surpreender com o fato de a fraqueza ser fraca, de a fragilidade ser frágil. A única coisa é que você retome sempre a partir do que lhe aconteceu, pois o encontro, para nós, não é o fim, mas o início, o ponto de partida para entrar depois em todas as circunstâncias. Você pode ter errado na noite anterior, mas, pela manhã, quando se sente triste, quem lhe impede – como fomos educados – de deixar entrar o ar fresco, o olhar cheio de ternura do anúncio, rezando o Ângelus? O que lhe impede?

Depoimento. Nada.

Carrón. Aliás, talvez depois de ter errado na noite anterior você perceba mais que graça é

rezar o Ângelus, e então comece a entender qual é a diferença. Pois, sem percorrer esse caminho extremamente humano, no qual a pessoa erra, no qual a pessoa cai, no qual a pessoa deixa depois voltar a entrar esse olhar cheio de ternura de Cristo, não entendemos o que é Cristo. O Senhor nos dá o tempo e o espaço para que alcancemos essa certeza cheia de humanidade (que não é nenhuma magia, nenhuma iluminação), feita de coisas reais, como o caminho pelo qual a criança se afeiçoa cada vez mais à mãe. Você pensa que a criança, errando um montão de vezes, no final chega à conclusão de que alguma coisa qualquer é melhor que sua mãe? Chega a essa conclusão? Não. Aprontando de tudo, ela se apega cada vez mais à mãe.

O Mistério não tem medo da nossa liberdade, dos nossos erros. Nós, sim, é que nos assustamos logo. Ele nos dá todo o tempo do mundo para que O reconheçamos. Nós é que queremos aprender o quanto antes possível; Ele nos espera até que a relação se torne um vínculo que tem a ver com tudo. Mas é um caminho humano, humaníssimo, cheio das coisas normais da vida, como aquele pelo qual você chegou até a certeza sobre sua mãe, no qual aconteceu de tudo. Por que deveria ser diferente com Jesus? Percebam que para os apóstolos é a mesma coisa.

Depoimento. Meu nome é Ahmad e estudo em Pavia. Fiquei impressionado com o que você disse, embora já tivesse ouvido algumas dessas coisas de meus amigos, pois é verdade que tudo o que você disse me corresponde, são coisas verdadeiras, fazem parte da experiência que estou vivendo. Mas, mesmo tendo essa consciência da correspondência que você descreveu, tenho uma dificuldade para aplicar isso a minha vida. Por quê? Por que eu e outras pessoas temos uma dificuldade para aceitar esses fatos e essa realidade, mesmo sabendo que nos corresponde em cem por cento? Ter essa dificuldade significa que quero mal a mim mesmo? Significa também que minha razão não está ainda afetivamente empenhada?

Carrón. Vocês estão vendo? Pedi que essa pergunta fosse feita para que muitos de nós pudessem reconhecer esse problema. Esses fatos, essa realidade nos correspondem em cem por cento. Não é que não tenhamos isso claro ou estejamos um pouco confusos. Não, sabemos que nos correspondem em cem por cento. É um juízo: ninguém é como Ele. Nós também podemos, hoje, reconhecer que nunca vimos nada semelhante. Em cem por cento, nos corresponde em cem por cento! Mas, depois, temos dificuldades. Por quê? Porque, mesmo que nos corresponda em cem por cento, não é poupado um gesto do eu. Eu posso lhe dar um presente, que é Aquele que você mais deseja, mas, mesmo que corresponda a tudo o que você deseja, você precisa no mínimo aceitá-lo, não é? Isso lhe parece humano?

Depoimento. Sim.

Carrón. Jesus não quer nos poupar disso. Mas não é uma dificuldade. Muitas vezes, Giussani

se irritava, se irritava justamente quando alguém lhe dizia: “Mas que coragem é preciso ter!” Que coragem é preciso ter? Não é preciso ter coragem nenhuma, é preciso apenas dizer esse sim, e pronto! Você vê a correspondência: de que coragem precisa? Apenas uma coisa é necessária: a simplicidade, ou, se vocês quiserem, a lealdade. Não é nenhuma dificuldade, não é preciso nenhuma energia especial: simplesmente, é preciso ceder a essa atração de Cristo que me corresponde, que eu reconheço como correspondente em cem por cento. Ceder e reconhecê-Lo.

Depoimento. Meu nome é Federica, de Milão. Gostaria de lhe fazer uma pergunta sobre o último ponto que você tocou hoje, quando falou da suspeita. Diante da objeção da dor e do mal, realmente é verdade que nós podemos fazer a mesma experiência de filiação feita por Cristo e entrar na realidade com essa hipótese positiva. Por que, então, se introduzem o moralismo e a desconfiança?

Carrón. Mas você quer bem a sua mãe?

Depoimento. Quero.

Carrón. Muito?

Depoimento. Sim.

Carrón. Tem certeza?

Depoimento. Tenho.

Carrón. E você pode pensar em introduzir uma hipótese não positiva em relação a qualquer coisa que sua mãe faça com você?

Depoimento. Não.

Carrón. É a mesma coisa que acontece com Cristo. E você tem alguma dificuldade especial com isso?

Depoimento. Não.

Carrón. Ou seja, quando a pessoa alcançou essa certeza do amor da mãe, não pode introduzir uma outra hipótese na relação com ela; quando não entende, pergunta: “Por que, mamãe, você está agindo assim?”, mas só pode partir de uma experiência positiva.

Com Jesus acontecia a mesma coisa: se Jesus era Filho e tinha essa relação com o Pai (podia ser definido por essa relação de filiação com o Pai), semelhante à que você tem com sua mãe, você acha que havia uma outra possibilidade, a não ser entrar em relação com Ele com essa hipótese positiva? Não é que seja tão complicado, tão distante da nossa experiência, quase como se nós não tivéssemos recursos para entender. Depois podemos algumas vezes fazer isso e outras vezes não fazer, mas, que é compreensível, vocês têm de admitir. A questão é se chegamos a esse grau de intensidade, de certeza, de vínculo tão forte com a mãe (como Jesus com o Pai), para

introduzir sempre essa hipótese positiva. Por isso, a questão da vida é o incremento desse vínculo, que nenhuma dor, nenhuma dificuldade possa confundir, introduzindo a suspeita. Imagine só: o mundo precisa desabar para que você introduza uma suspeita sobre sua mãe, não é verdade? Aliás, mesmo que o mundo venha abaixo, você continua a dizer: “Minha mãe, não. Seria preciso que ela enlouquecesse. Para agir assim, minha mãe precisaria enlouquecer, teria de deixar de ser minha mãe, não aquela que eu conheço”, não é verdade? Você teria de eliminar toda a sua experiência, toda a experiência de cada fibra do seu ser. Você concorda?

Depoimento. Concordo.

Carrón. O mesmo deveria fazer Jesus para introduzir uma hipótese diferente. Essa questão nos interessa, pois queremos ser absolutamente razoáveis. É razoável para você entrar assim na relação com sua mãe? É claro que sim. Com nenhuma outra pessoa você entra em relação tão cheia de razões como com sua mãe, com nenhuma. E Jesus não tinha com nenhuma outra pessoa uma relação que Lhe permitisse entrar mais tranquilamente na realidade que a relação com o Pai.

Depoimento. Meu nome é Cristina, de Bolonha. Na carta, Damiano dizia: “A doença é para mim”. Eu não consigo conceber isso, pois vivo uma situação familiar muito difícil. Hoje de manhã, você dizia que foi o vínculo que Cristo tinha com o Pai que Lhe permitiu estar diante da morte. Mas, diante das grandes questões da minha vida, eu tenho vontade de dizer: “Tudo está contra mim”. Concretamente, para você, o que é esse vínculo?

Carrón. Isso que eu procurava explicar agora. Eu também não consigo conceber essas coisas fora de um vínculo, mas, quando existe esse vínculo... se faltar esse vínculo, então não.

Depoimento. Sim, mas eu, na minha vida, só consigo dizer: “Tudo está contra mim”.

Carrón. Concordo. Por quê? Porque falta esse vínculo.

Depoimento. É desse jeito que eu ajo na minha vida...

Carrón. Perfeito, perfeito. Esse é o caminho que estamos dizendo que é preciso fazer, não é? Não é que você deve ir amanhã à academia para treinar para ser melhor, para ter mais energia. Não! A criança não precisa ir à academia, precisa, sim, viver um relacionamento que a leve àquela certeza de que falávamos antes. A questão é se, com tudo o que acontece, cresce em nós esse vínculo, se cada vez que vivemos em relação com Ele – como os discípulos –, é uma demão de cola.

Se você pensa compreender isso fora dessa relação, no meu modo de entender isso é impossível; é impossível a pessoa compreender que possam acontecer coisas como as que ouvimos. Mas isso é o cristianismo, meus amigos. Cristina nem em sonho imaginaria escrever uma carta como essa, como Vicky também jamais teria sonhado dizer uma coisa como a que nos

dirá hoje à noite, se não fosse por uma experiência que viveram. Uma pessoa não pode conceber o cristianismo antes que ele aconteça. Por isso, eu entendo que alguém não possa concebê-lo, e isso significa que muitas vezes nós apenas pensamos o cristianismo. Pensamos poder vivê-lo sem Cristo, mas sem Cristo nós nem o concebemos.

Depoimento. Mas eu, em Bolonha, tenho muitas pessoas perto de mim; depois, volto para os lugares em que tenho esses problemas e não dou conta, porque, lá, não tenho essas pessoas perto de mim.

Carrón. Isso significa que você precisa, quando está com os amigos, percorrer um caminho seu, pessoal, de modo tal que o que vive com os amigos se torne seu.

Depoimento. Certo.

Carrón. De modo tal que, quando você está sozinha numa situação, é mais definida por isso que se instalou em você, mesmo que seus amigos não estejam presentes, do que pela circunstância que está vivendo.

Queremos que o que aprendemos de um outro se torne totalmente nosso. É por isso que digo tantas vezes: não podemos sonhar que isso se tornará nosso sem nós. Esquentando a cadeira na sala de aula, a pessoa não aprende matemática; e, esquentando a cadeira aqui, não faz seu o critério. Vocês entendem por que não podemos nos poupar disso, desse trabalho?

Depoimento. E esse trabalho é possível sempre?

Carrón. É claro que sim. Quem a impede de fazê-lo? Você, amanhã, quando voltar, pode continuar a ter essa relação com seus amigos de Bolonha e pode tentar vivê-la cada vez mais e fazer uma experiência sua, pessoal. E, um dia, minha querida, terá uma surpresa. Que surpresa é essa? Que você vai enfrentar as circunstâncias e se sentirá livre, não determinada pelas circunstâncias, mas determinada pelo que lhe aconteceu. Espero que você me escreva quando isso acontecer. O cristianismo é isto: não o resultado de uma tentativa sua, mas a surpresa de que o que começou a abrir caminho em você se torna tão seu que você, a certa altura, se surpreende começando a viver nessas circunstâncias, que antes eram impossíveis de viver, com essa novidade que você tem por dentro, pois essa novidade se tornou sua. É o que enfrentaremos amanhã.

Esta é uma amizade na qual, a certa altura, o que um outro lhe diz se torna tão seu que você não pode mais viver sem: você é definida por isso, não depende mais de quem o diz a você, porque é seu e você pode entrar em qualquer circunstância – como diz Dom Giussani – com uma tranquilidade profunda e uma capacidade de letícia.

Depoimento. Meu nome é Matteo, faço Ciências Políticas na Universidade Católica. Ontem à

noite, você disse: somos amigos se estamos juntos para poder olhar para essas coisas; se não for assim, podemos estar juntos, mas vivemos sozinhos as coisas mais decisivas. Além disso, hoje de manhã, ainda falando da amizade, de Jesus, que perguntava aos discípulos: “Vós também quereis ir embora?”, você dizia: foi realmente amigo deles, pois os desafiou, ou seja, queria que fizessem o trabalho a partir dessa correspondência que haviam experimentado. Essas duas coisas me impressionaram muito, porque realmente faz algum tempo que essa questão da amizade, da relação com meus amigos, começa a me instigar, começa a ser realmente uma urgência, e por isso, como eu vejo que tenho uma certa dificuldade, gostaria de lhe perguntar: no cotidiano, concretamente, como podemos nos ajudar a aprofundar esse vínculo com Cristo? Pois está claro, para mim, que somos amigos por isso, ou seja, porque um Outro nos une.

Carrón. Matteo, você começou a vislumbrar uma mudança no conceito de amizade?

Depoimento. Sim.

Carrón. Essa já é a primeira passagem: o que dissemos hoje de manhã deve ser um juízo sobre como nós vivemos, sobre a concepção que nós temos da amizade (pois muitas vezes o conceito que temos de amizade, em vez de amizade, é conivência). Segundo nossos parâmetros, o que Jesus fez hoje de manhã diante de nós com os discípulos não é uma amizade. Mas é. Jesus é um amigo porque se interessa pelo destino, pelo bem dos outros, e, sendo que não nos prega uma peça (como, ao contrário, nós tantas vezes pregamos peças entre nós), Ele não cede, não atenua, não reduz a exigência.

Se você se identifica com essa relação que Jesus tem com os discípulos, com a amizade que Jesus vivia com seus amigos, começa a entender o que é a amizade entre nós, o que é ser amigos, ou seja, não coniventes. E como é que pode ser amigo, e não conivente? Vivendo com toda a sua exigência humana. O que Jesus faz? Ele não cede à redução da amizade. Jesus diz: “Se vocês quiserem viver, têm de comer isto. Não estão entendendo? Vocês também querem ir embora?” Ou quando diz: “Temos de ir a Jerusalém, porque estou para morrer”. “Não!”, diz Pedro. “Afastese de mim, Pedro!” Ele não cede. Isso é que é um amigo, alguém que quer viver lealmente com toda a exigência de plenitude humana que tem dentro de si. E isso é serviço, é amizade com o amigo. Pois, se você olha para ele pelo seu destino, não pode deixar de desejar agir como Jesus; e, se a outra pessoa olha para você pelo seu destino, não pode deixar de desejar agir como Jesus age, e isso é amizade. O resto é conversa fiada, recoberta pelo sacrossanto nome de amizade.

Mas nós sempre dissemos que a amizade é uma companhia rumo ao destino. Nós somos amigos se caminhamos para o destino. Do contrário – atenção -, nossas amizades não durarão, pois, em nome de um tipo de amizade sentimental, no fundo conivente (como muitas vezes acontece, por exemplo, com os casais, com os noivos), o que acontece? Que a amizade não se

sustenta, com o tempo não interessa mais, pois é constituída pela convivência entre dois, não por uma amizade verdadeira.

Por isso, não podemos terminar esta Escola de Comunidade sem dizer: o que mudou, em nós, no conceito de amizade que temos, na maneira de estarmos juntos? Pois é o que Dom Giussani dizia: o que nós chamamos muitas vezes amizade não me interessa. Imaginem o que diria Jesus; não penso que estaria muito distante do que dizia Giussani. Começar a entender isso significa começar a entender o que significa nos querermos bem de verdade, sermos amigos, nos interessarmos, não por nossas convivências, mas pelo bem do outro, pelo destino, pela plenitude do outro, pela plenitude que coincide com alcançar a satisfação do coração (e não somos nós que decidimos o que o realiza). Nós o encontramos, podemos vivê-lo ou não vivê-lo, e a amizade é isso; se eu me quero bem assim, serei amigo de meus amigos, pois não desejarei outra coisa para eles, a não ser isso. Se, ao contrário, eu me contento, procurarei amigos que também se contentem. Deus os cria e depois os une.

Síntese – Julián Carrón

7 de dezembro, manhã

O cristianismo é um acontecimento e permanece como a dilatação desse acontecimento na história; tornou-se presente aos homens por meio da humanidade de um homem, Jesus, e continua presente na história por meio de uma humanidade mudada pelo encontro com Jesus.

Que indício nos permite saber que está presente diante de nós? A diversidade humana que Ele comporta. Por isso, Dom Giussani dizia anos atrás: “O acontecimento de Cristo se faz presente ‘hoje’ num fenômeno de humanidade diferente”¹⁹. O cristianismo é o deparar-se com essa diversidade humana, na qual a pessoa surpreende um pressentimento novo de vida, algo que aumenta a possibilidade de certeza, de esperança, de utilidade da vida. Todos nós, que estamos aqui, podemos documentá-lo: Cristo nos interessou porque encontramos hoje, no presente, uma maneira de viver a vida diferente, diante da qual não pudemos deixar de sentir uma curiosidade, pois percebemos que era conveniente para a nossa vida.

“Fiquei profundamente impressionada, ao chegar à universidade”, escreve uma de vocês, “com as pessoas que encontrei. E qual era a diferença? A maneira como levavam a sério cada

¹⁹ Giussani, L. “Algo que vem antes”. Tradução de Durval Cordas. In: *Passos Litterae Communionis*, nº 100, dezembro de 2008, p. 1.

aspecto da vida, a maneira como estavam contentes com cada momento, a maneira como me senti tratada, embora tivessem acabado de me conhecer [tudo começa assim]. Pensei que também queria ser como eles e comecei a ficar mais próxima para tentar entender como eles vivem, para aprender a viver assim”. Esse é o início, algo que tenho à minha frente, que desperta em mim o desejo de me apegar, “comecei a ficar mais próxima deles”. Por quê? “Para entender como eles vivem e aprender a viver assim. Tenho certeza de que essa amizade é um bem para mim. Por quê? Pelo fato de que não me distrai dos estudos e das coisas que sou chamada a fazer, mas, pelo contrário, me instiga a cumprir meu dever.” O sinal é que aquilo que encontramos nos serve, nos é útil para viver, para viver a realidade, para viver o que devemos enfrentar todos os dias, as circunstâncias, as dificuldades, as dores que temos de encarar a cada instante. “Estar com meus amigos é tanto mais bonito e verdadeiro quanto mais cumpro meu dever com seriedade [não estamos aqui para nos pouparmos disso; do contrário, não seríamos amigos], indo a fundo em meus estudos e nas circunstâncias da minha vida. Essa amizade não me deixa nunca tranquila, mas me provoca sempre, quando menos espero; é um chamado de atenção constante ao meu destino, ao significado de todas as coisas, e percebo cada vez mais que tudo acontece por uma razão e que a única maneira de entender o que o Senhor quer de mim é viver a realidade.”

É isso mesmo, como estudamos na Escola de Comunidade. A pessoa encontra alguma coisa que lhe corresponde, e a obediência existe para que ela não perca o que lhe aconteceu. Encontro alguém que está à minha frente e me aproximo, me apego, para aprender a viver assim. Por isso, a verdadeira obediência é uma amizade, e para tanto é preciso que você tenha alguém à sua frente, pois, assim, você pode entender os passos que ele dá e pode imitá-lo, para que se tornem seus; do contrário, começamos a perder o caminho.

Outra pessoa me escreve: “Desde os Exercícios de Páscoa, tem-se insinuado em minha vida uma urgência nova, ‘e este é o sintoma da verdade, da autenticidade da nossa fé: [...] se realmente depositamos toda a nossa esperança no fato de Cristo ou, pelo contrário, esperamos dele apenas o que já decidimos esperar, e então, em última análise, ele se torna somente ensejo e ponto de apoio para os nossos projetos ou os nossos programas’. Diante dessa provocação, tive de reconhecer o que eu havia decidido que fosse a substância da minha vida. E eu já havia decidido. Estou muito empenhada com o Movimento. O fato de me sentir chamada a uma posição radical, em comparação com a experiência que eu vinha fazendo, trouxe à tona que eu nunca antes havia encarado o problema de esperar tudo do fato de Cristo. De repente, o desafio que me lançaram – e que, portanto, eu precisava descobrir outra vez na experiência - era muito mais correspondente que qualquer posição ou discurso que até então eu tinha sustentado, pois partia de novo do meu desejo total. Afinal, para ser bem sincera, já não bastava tirar Cristo do bolso do colete, usá-lo

como muleta para apoiar o que na hora me parecesse a coisa mais importante e, sobretudo, duvidar todas as vezes que minha vida era ameaçada de tomar uma direção que eu não havia previsto: realmente, eu não O conhecia. É fácil para mim falar d’Ele, encher a boca com o Seu nome, tão fácil quanto doloroso, e a dor é me dar conta do nada que está por trás disso e de que, por mais coerente que seja o discurso, esse discurso nunca me restitui uma experiência viva. Nasceu em mim uma necessidade, eu diria fisiológica, de conhecer realmente pela primeira vez esse Jesus a quem queria dar a vida. O risco que eu corro, então, é defender um partido e dizer: ‘Cristo existe porque eu entendi’, e essa defesa gera cansaço”.

Como vocês veem, o que começou como uma experiência no encontro com uma humanidade diferente, com uma diversidade humana que nos tomou, se nós não ficamos atentos, é reduzido a um discurso que nunca nos restitui uma experiência viva. Com me dizia um amigo: muitas vezes, se reduz a um discurso que a pessoa depois tenta aplicar, e, passado um tempo, tudo desaba.

Esse, como vocês podem ver, é um problema fundamental para que possamos continuar nosso caminho, pois nos encontramos diante de uma questão decisiva, que, graças a Deus, Dom Giussani já encarou anos atrás. Foi por isso que mandei publicar na revista “Algo que vem antes”, pois nesse texto Dom Giussani corrige o Movimento em relação ao risco que estamos vendo hoje também entre nós. E que risco é esse? Que nós pensamos que existe um método para o início (diante de uma diversidade humana), e, depois, um outro método para a continuação. Para começar, precisamos do encontro com essa diversidade humana; em seguida, procuramos dominar um discurso. E, assim, o que acabamos por ter em nossas mãos – como vimos – é o nada.

Por isso, o que me interessa é que nós entendamos bem o cristianismo, pois essa é a questão mais decisiva, e é o risco que de modo geral pode acontecer na Igreja: a pessoa pode reconhecer que o cristianismo foi um evento na história, mas é como se o evento continuasse cada vez mais no passado; e qual é a única coisa que resta desse evento? Sua confirmação, que se chama Bíblia. Para nós, o Movimento pode ter sido isso, um evento do qual resta apenas o discurso que eu aprendo e aplico. Perdemos a carne pelo caminho: o Mistério, que se tornara carne para magnetizar – dizíamos ontem – toda a nossa razão e a nossa afeição, volta a ser uma coisa abstrata, que não é capaz de nos tomar. Ao contrário, o cristianismo, se quer continuar a ser cristianismo, se quer ser coerente com a forma com que nasceu, tem de continuar a ser carnal.

Nesse sentido, Dom Giussani diz nesse texto algo definitivo para nós, algo que devemos entender de verdade. O deparar-se da pessoa com uma diversidade humana é algo extremamente simples (como procuramos testemunhar ontem), absolutamente elementar, que vem antes de qualquer outra coisa, “que não precisa ser explicado, mas *tão somente* visto, interceptado, que

suscita um maravilhamento, desperta uma emoção, constitui um chamado [vejam que descrição belíssima, cheia da carnalidade da vida], move a seguir, por sua correspondência à espera estrutural do coração”²⁰. “O acontecimento de Cristo se faz presente ‘hoje’ num fenômeno de humanidade diferente: um homem se depara com esse fenômeno e reconhece aí um pressentimento novo de vida, algo que aumenta sua possibilidade de certeza, de positividade, de esperança e de utilidade na vida, e que o move a seguir. Jesus Cristo [vejam a continuidade!], esse homem de dois mil anos atrás, se encerra, se torna presente, sob a tenda, sob o aspecto de uma humanidade diferente. O encontro, o impacto, se dá com uma humanidade diferente, que nos toca porque corresponde mais às exigências estruturais do coração que qualquer forma que possa assumir nosso pensamento ou nossa imaginação: nós não esperávamos uma coisa dessas, nunca sequer teríamos sonhado com isso, era impossível, é algo que não pode ser encontrado em outro lugar qualquer”²¹. Isso é um desafio para cada um de nós. Vejam: uma forma toca, corresponde às exigências do coração mais que qualquer forma do nosso pensamento ou da nossa imaginação. Cada um de nós deve verificar isso: é verdade ou não é? Pois, do contrário, a pessoa não tem a razão pela qual permanecer apegada a essa diversidade.

E prossegue (atenção, pois aqui está a questão decisiva): “Deparar-se com uma presença de humanidade diferente *vem antes* não apenas no início, mas em cada um dos momentos que se seguem ao início [em cada um dos momentos que se seguem ao início!]: um ano ou vinte anos depois. O fenômeno inicial – o impacto com uma diversidade humana, o maravilhamento que nasce desse impacto – está destinado a ser *o fenômeno inicial e original de qualquer momento do desenvolvimento*. Pois não se dá nenhum desenvolvimento se esse impacto inicial não se repete”²², porque, se esse impacto inicial não se repete, não seguimos em frente, simplesmente repetimos, simplesmente procuramos interpretar o que ouvimos, mas não existe desenvolvimento. O caso do povo judeu é sempre um exemplo: desde o momento em que seu conteúdo se tornou apenas um cânon fixo do passado, o que continua é a interpretação; não há mais desenvolvimento, apenas a busca por interpretar melhor o discurso do passado. Nós também podemos fazer isso, e aí, com o tempo, o Movimento não nos interessará mais, pois o niilismo é que vai vencer: não existem fatos, apenas interpretações.

Essa é a companhia que Dom Giussani continua a ser para nós, pois nenhum de nós seria capaz de dizer uma coisa tão pertinente à necessidade que temos hoje. O fator original é sempre o

²⁰ Id., *ibid.*, p. 2.

²¹ Id., *ibid.*, pp. 1-2.

²² Id., *ibid.*, p. 2.

impacto com uma humanidade diferente. Não é que a certa altura eu diga: “Entendi. Agora faço sozinho”, como se eu pudesse não precisar do impacto com uma humanidade diferente. É por isso que Dom Giussani afirma: que libertação seria essa! Que libertação, que raio de fôlego entraria na vida! Se, portanto, esse impacto não acontece, não se renova, não há verdadeira continuidade. Portanto, não é que eu tenha de ser uma pessoa melhor. A criança não tem de ser uma pessoa melhor, não; o que ela precisa é reconhecer que necessita sempre da mãe, que necessita sempre do impacto com algo que desperte constantemente de novo o seu coração, a sua curiosidade, a sua afeição. Se a pessoa não vive hoje o impacto com uma realidade humana nova, não entende o que lhe aconteceu no passado. Só quando o acontecimento acontece é que se ilumina e se aprofunda o acontecimento inicial e se estabelece, assim, uma continuidade, um desenvolvimento.

Por isso, depois da fé, depois do encontro e da experiência de satisfação da liberdade, estudamos na Escola de Comunidade a obediência, que é apegar-se, seguir essa humanidade presente, essa humanidade diferente presente.

Um de vocês diz: “Diante de testemunhas em que vejo um coração desperto, as perguntas mais profundas despertadas e vivas, um gosto pela vida excepcional, não consigo dizer que vai tudo bem comigo; não seria leal comigo mesmo se dissesse que a experiência que eles fazem não é algo desejável para mim também”. Não é que nós façamos um favor a Jesus; é que nos encontramos diante de algo que é desejável para nós também. “Assim, muitas vezes, ter à minha frente pessoas assim me ajudou a reconhecer que esse fato excepcional é também para mim, por mais que eu tenha traído mil vezes, e que sem esse fato eu me conceberia de maneira muito mais mesquinha, como alguém reduzido a reação e a interpretação. Minha fraqueza está numa certa distância entre essas testemunhas, ou melhor, entre aquilo que elas trazem consigo, e mim. É como se eu perseguisse sempre uma coisa que nunca é realmente minha; e já me enchi de ser bom em reconhecer meus erros e a redução do meu coração. Mas, então, o que me é pedido?” O que lhe é pedido, meu caro amigo Pietro, é apenas uma coisa: a simplicidade de seguir. Não se preocupe, não se deixe deter pelos erros; faça como a criança, que não para diante do erro que comete, ou das quedas que tem, mas é atraída outra vez, atraída pela presença da mãe.

Faça como a amiga Matilde, que aprende até com seu irmão caçula. Diz ela: “Quero lhe contar o fato com o qual mais uma vez a presença de Cristo se tornou contemporânea para mim. Tomo como ponto de partida uma situação descrita pela Página Um da revista de dezembro, pois para mim foi exatamente como está escrito ali: esse deparar-se da pessoa com uma diversidade humana é algo extremamente simples, absolutamente elementar, que vem antes de tudo, de qualquer catequese, reflexão ou desenvolvimento, é algo que não precisa ser explicado, mas apenas ser visto, interceptado, que constitui um chamado de atenção e leva a seguir graças a sua

correspondência à espera estrutural do coração. É estranho, mas aconteceu exatamente isso, da maneira mais simples e menos esperada, por ser tão próxima de mim. Este ano, meu irmão Giuseppe começou a universidade e, surpreendentemente, alguma coisa mudou. Sempre tive um bom relacionamento com ele, mas nunca, como hoje, me senti sua companheira na vida. Algumas vezes, à noite, em casa, quando estamos juntos, preparando o jantar, nos sentamos e, sem que eu lhe pergunte nada, ele começa a contar fatos de seus dias na universidade e a me dizer coisas que, pela maneira como ele as conta, parecem surpreendentes, mas sobretudo parecem provocar nele uma plenitude invejável, justamente nele, alguém que conheço a vida inteira mas tenho a impressão de encontrar hoje pela primeira vez, pelo fato de ser renovado dia após dia por uma experiência que o torna vivo e novo. Muitas vezes paro diante dessa surpresa e até desejo isso para mim também, mas depois, voltando à rotina do dia-a-dia, tudo fica outra vez igual e sem gosto”. Vocês estão vendo? Não é que o Senhor nos abandona pelo caminho, mas, se continuamos distantes, se não temos a simplicidade de seguir a forma como Ele continua a ser contemporâneo, que às vezes pode ser a última forma que eu poderia esperar, tudo fica sem gosto. “Mas, toda vez que estou com ele, à noite, volta insistentemente a suspeita de que ele deve viver os seus dias melhor do que eu. Com o tempo, essa suspeita se torna detestável: como é que ele, tolo como é, vive mais contente do que eu?” Isso é um drama. O Senhor pode usar até um tolo, como sempre usa os tolos. E então não há mais tempo, é preciso tomar uma decisão: “Não posso mais ficar olhando, quero que essa experiência dele seja minha”. Essa é a urgência que é despertada: eu quero essa experiência para mim! Posso ficar ali olhando, fazer todas as interpretações, dizer que o outro é um tolo, ou, ao contrário, a vitória pode ser dessa afeição última a mim mesmo: quero que essa experiência se torne minha. “E o que eu faço, então? Eu o sigo e, do jeito que ele faz, faço também na minha universidade.” É simples: “Leio a revista, faço a Escola de Comunidade, me informo sobre a Eluana, leio os jornais, falo disso com meus amigos e meus colegas, e depois vamos panfletar”. Alguém que age diante de mim, com quem aprendo a agir. “São muitas coisas, talvez coisas até demais, mas não por um ativismo, e sim porque, pouco a pouco, fazendo essas coisas, descubro que são para mim. A única forma de recontar aquele fenômeno inicial e original que me tomou no passado é que ele me tome hoje, tornando-me uma pessoa nova.” Vejam; é a última coisa em que ela teria pensado: que Ele continuasse contemporâneo dessa forma.

Pois, como ela diz, é preciso que recontar aquele início; mas diz Dom Giussani: não “como” aconteceu no início, não com a mesma forma em que me fixo tantas vezes (exigindo que recontar com “este” rosto, com “estas” pessoas, com “esta” forma), não “como” aconteceu no princípio, mas “o que” aconteceu no princípio, a mesma e idêntica experiência por meio de uma

face diferente, por meio de um rosto diferente, carnal como antes, às vezes com a pessoa que você menos poderia imaginar. Pois, se não acontecesse assim, não seria possível o cristianismo, Cristo seria um mito, não seria uma realidade histórica. É “aquilo” que aconteceu a eles que, de uma forma diferente, me acontece hoje; e aquilo que aconteceu no início pode acontecer comigo hoje de uma forma diferente. O impacto com uma diversidade humana, no mesmo acontecimento que os moveu na origem, se renova. Por isso, a continuidade com o passado – para essa nossa amiga -, com aquele momento inicial do encontro com o Movimento, com Cristo, a continuidade com o passado se restabelece apenas se reacontece o mesmo acontecimento hoje. Logo, não há um método para o início e um outro para a continuação; não é que agora já entendemos e depois explicamos aos outros ou aplicamos, pois isso expressa até que ponto somos presunçosos, pois não nos damos conta de que, para sermos tomados, precisamos sempre de que reaconteça “aquilo” que nos tomou. Por isso, tudo é graça. O acontecimento inicial prossegue apenas se partimos sempre do fato de nos depararmos com uma realidade humana nova.

O cristianismo é a obediência a essa realidade humana nova, é seguir uma presença que tenho à minha frente, e nós só podemos continuar o que começamos e continuamos nestes dias se ficamos nesta amizade, pois a obediência é esta amizade.

Escreve-me Matteo: “Este período foi o mais intenso de toda a minha vida, por todos os problemas que tivemos na universidade e pelas eleições universitárias, que ocorreram esta semana. Outubro e novembro foram dois meses em que estudei muito pouco e me dediquei a preparar as eleições. Na noite anterior ao dia da votação, eu estava muito cansado, pensando no que ainda teria para fazer. É verdade mesmo, como diz Rose, que fazer cansa: eu vivia essa circunstância das eleições como um peso que tinha de suportar, como um momento que, quanto antes terminasse, melhor seria, mas pensava que essa postura fosse desumana, pois é desumano viver uma circunstância desejando que ela termine o mais cedo possível. Até que um amigo meu me disse: ‘A sua postura não é desumana. Pelo contrário, é a maior coisa que existe em você; é como se Jesus lhe dissesse: Matteo, se Eu não estou presente, você sufoca’. Fiquei impressionado, em primeiro lugar, porque é verdade mesmo que, sem reconhecê-Lo presente, eu, em última instância, sufoco; talvez até faça todas as coisas, mas em última instância fico insatisfeito. Além disso, me impressionou também como esse meu amigo valorizou o meu coração, o meu desejo, o fato de eu ter necessidades [nós somos assim; não é que depois do encontro não temos mais necessidades, como muitas vezes sonhamos]: para mim, aquela era uma postura desumana, mas ele continuava entusiasmado. E houve vários outros episódios semelhantes, alguns muito discretos, como, por exemplo, uma amiga minha que me escreveu um bilhete que dizia: ‘Que vale ao homem ganhar o mundo, se depois perde a si mesmo?’ Outro

amigo meu, na manhã do primeiro dia de votações, me escreveu um SMS: ‘Peço, para mim e para você, que o coração fique disponível ao encontro com Ele nestes dias agitados de eleições’, e, ao longo do dia, me mandou este outro SMS duas vezes: ‘Lembre-se, Matteo, *quaerere Deum*. O resto é conversa fiada’. Enfim, conto esses episódios porque fiquei muito impressionado com uma frase da Escola de Comunidade que diz: ‘O dinamismo da liberdade, para aderir à fé, não conhece o caminho: sabe aonde deve ir, mas não sabe como chegar lá. Por isso o Mistério [...] diz o que você deve fazer [...]. Ele o diz por meio da companhia na qual o coloca’, e eu pensei: o coração eu tenho, a realidade existe, do que é que eu preciso, então? No entanto, eu me dei conta, por tudo o que contei, que preciso de uma amizade, ou seja, desses rostos que me lembram e insistem sempre naquilo de que sou feito. Às vezes é uma insistência discreta, como um bilhete ou uma mensagem no celular, mas contínua, incansável. Amigo é quem chama a minha atenção para Aquilo para que meu coração é feito. E essa amizade me deixou impressionado, porque não é sentimental, é um juízo, é um juízo. Dizer ‘esse é meu amigo’, para mim, está começando a coincidir com um juízo, que às vezes pode até não ter uma carga emotiva e sentimental. Se amigo é aquele que chama minha atenção para a verdade de mim mesmo, a consequência disso é que, quanto mais eu sigo esses amigos, mais sigo a mim mesmo. Começo a entender quando Dom Giussani diz que a amizade não é algo opcional, pois é absolutamente decisiva para mim; eu não posso ficar sem alguém que me diz quem eu sou, de que eu sou feito”. E, se a pessoa tem amigos assim, tudo o que os amigos lhe dizem começa a se tornar seu, como dizíamos antes.

Assim, o capítulo sobre a obediência termina falando dessa amizade, já que, quando se torna tão familiar assim, “a extrema forma da obediência é seguir a descoberta de si mesmo operada à luz da palavra e do exemplo de um outro, sem o que a pessoa tatearia no escuro”²³. Esse olhar, essa maneira de agir, essa maneira de perceber a si mesmo, de olhar para a realidade, de estar na realidade, se tornam meus. E, para que tudo isso se torne meu, é preciso uma amizade, é preciso alguém a quem eu possa perguntar: “Como você consegue viver isso?” E, quando a pessoa me diz como consegue viver isso, eu lhe digo: “Obrigado pelo que me disse. Obrigado por me dizer isso”, e isso se torna meu e eu sou obrigado a seguir a mim mesmo, tocado por esse outro.

A vida é simples. É por isso que repetimos tantas vezes a frase: “Por que a gente se atormentar quando [...] é tão fácil obedecer?”²⁴. A vida é simples porque o Mistério, justamente por essa ternura conosco, se tornou carne, continua a tomar a nossa carne para se tornar contemporâneo a

²³ Giussani, *É possível...*, cit., p. 125.

²⁴ Claudel, P. *O anúncio feito a Maria*. Tradução de dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro, Agir, 1968, p. 146.

nós, para continuar a nos pôr diante de uma diversidade humana que precisamos seguir. Isso é a esperança.

Ontem à noite, conversando no jantar com alguns de vocês, alguém me dizia: “Eu estou com vontade de voltar para casa para contar a minha família o que eu vi, para que isso possa se tornar esperança também para minha mãe”. E eu ficava impressionado, pois, quando nós vivemos de acordo com o que Dom Giussani nos comunicou, essa fé, que podemos ver pela satisfação, e que depois se torna obediência, amizade, sem ser reduzida a moralismo, nos faz dizer: “Esta é a nossa esperança”; é como se já anunciasse o próximo capítulo da Escola de Comunidade, sobre a esperança. Vejam como Dom Giussani não colou as palavras uma atrás da outra: essas palavras são realmente a descrição que ele vê brotar das entranhas desta experiência, e, quando a pessoa tem isso a sua frente, pode enfrentar a vida, pode enfrentar o futuro com esperança.

É justamente isso que celebramos no Natal, esse evento que desperta outra vez em nós a esperança. Nós somos amigos, o Senhor fez que nos encontrássemos, nos magnetizou todos, aqui, justamente por essa relação que quer ter conosco, para nos levar a uma plenitude da vida, a uma intensidade que não pode ser encontrada em outro lugar.

(traduzido por Durval Cordas)